

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES  
GEOGRAFIA

A formação da cidade de Volta Redonda a partir da implantação da  
Companhia Siderúrgica Nacional

Thiago César Pereira da Motta  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

Viçosa  
Dezembro de 2007

Universidade Federal de Viçosa  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
DAH – Departamento de Artes e Humanidades  
Curso: Geografia

A formação da cidade de Volta Redonda a partir da implantação da  
Companhia Siderúrgica Nacional

Monografia apresentada à disciplina  
GEO 481- Monografia e Seminário,  
como exigência parcial para conclusão  
do Curso Bacharel em Geografia.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

Viçosa  
2007

---

Prof<sup>a</sup>: Maria Isabel de Jesus Chysóstomo

---

Prof: Ulisses da Cunha Baggio

---

Prof: Antônio de Oliveira Júnior

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que criou todas as coisas e fez com que tudo fosse possível.

À minha família que sempre esteve comigo, mesmo à distância, me ajudando no que eu precisasse.

À minha mãe, mulher lutadora, que nunca se cansou, sempre disposta a me ajudar em qualquer momento, enfim, uma pessoa que vale a pena ter como exemplo.

Aos meus professores, principalmente os primeiros, do ensino fundamental e médio, que me ensinaram a base que eu precisei durante esses anos de graduação e vou precisar por toda a vida, esses sim, verdadeiros educadores.

Aos meus professores universitários, agradeço por todo o conhecimento que transmitiram e pelos ensinamentos que levarei por toda a minha vida.

Ao Rafael que me deixou usar o computador, mesmo quando isso atrapalhava o seu sono ou seus momentos de namoro.

À República CATAPUITA e as Sholoras, verdadeiros amigos que me ajudaram sempre que precisei.

Ao IPPU em Volta Redonda e ao IPPUR na Universidade Federal do Rio de Janeiro pela atenção dispensada no momento de disponibilizar as fontes que necessitei nesse trabalho.

À minha orientadora que me orientou de verdade, coisa difícil de acontecer na universidade.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1: Escritório Central da CSN

Foto 2: Moradia dos primeiros trabalhadores

Foto 3: Acampamentos: Rústico e Principal

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Projeto de Correa Lima

Figura 2: Cidade Industrial de Tony Garnier

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Participação no Capital da CSN

Tabela 2: População de Volta Redonda e empregados atendidos pela moradia construída pela empresa.

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Estado do Rio de Janeiro

Mapa 2: Região Sul Fluminense

## Sumário

Resumo.....	7
Introdução .....	8
1 – Breve Histórico de Volta Redonda .....	10
1.1 - Contexto Histórico Nacional, Internacional, Negociações e Agentes envolvidos.....	10
1.2 – A nova sociedade a ser elaborada.....	13
1.3 – Motivos da escolha do local.....	16
2 – Urbanização e Industrialização: Conceituações Interdependentes.....	21
2.1 - Cidades Industriais: a marca desses processos no espaço.....	21
3 – O Espaço Disciplinar.....	30
4 – Questão da Moradia Operária.....	32
5 - A Construção do Complexo Industrial de Volta Redonda.....	35
5.1 - Mão-de-Obra: da escassez ao excesso.....	35
5.2 - A exploração dos operários e a questão da moradia.....	41
5.3 - Surgimento de duas cidades distintas em um mesmo espaço.....	42
6 - A Implantação do Complexo Industrial.....	46
6.1 - Início das Atividades.....	46
6.2 - O agravamento do problema habitacional.....	47
6.3 - A Emancipação de Volta Redonda.....	51
6.4 - Relação entre CSN e o novo município.....	54
Considerações Finais.....	56
Bibliografia Utilizada	
Bibliografia Recomendada	

## RESUMO

O processo de implantação do Complexo urbano-industrial de Volta Redonda abarcou as fases de negociações entre os agentes, a escolha do local, o modelo a ser implantado e o financiamento do empreendimento.

Para a escolha do local para a instalação da empresa, foi levado em conta o fator locacional, sendo esse fator composto pela proximidade com a matéria-prima, com os mercados consumidores, a rede de transporte disponível e a questão da proteção militar. Além desses fatores locacionais, o fator simbólico também foi levado em conta, como a escolha de um local com características de atraso sócio-econômico. Esse fator simbólico serviria para mostrar a superioridade da nova sociedade urbano-industrial que estava sendo construída.

Após a escolha do local, inicia-se a construção do complexo. Nesse momento surge o problema da mão-de-obra que teve que ser trazida de outros lugares. Para trazer essa mão-de-obra, o governo se utiliza desde a propaganda oficial e até mesmo de aliciadores.

A atração exercida pelo projeto fez com que um contingente expressivo de pessoas se dirigisse ao local, surgindo assim o problema da habitação. No projeto inicial da empresa, seriam construídas moradias para todos os seus operários, mas nem mesmo esse projeto foi cumprido, agravando ainda mais o problema habitacional. Com a entrada em funcionamento da Usina, muitos empregados que trabalhavam na construção perderam seu trabalho, engrossando ainda mais o contingente de desempregados que havia no local.

Com isso, surge nos arredores da empresa e da Cidade Operária, um agrupamento urbano que ficou conhecido como “Cidade Velha”, sem nenhuma infra-estrutura ou condição de moradia. Os problemas enfrentados por essa parte da cidade fizeram surgir inúmeros movimentos que se aproveitavam da liberdade que havia no local para se mobilizarem e reivindicar melhorias para a cidade. Essa luta passou a ser mais intensa e organizada e vendo que suas reivindicações não eram atendidas pelo poder público, mudaram o foco de sua luta, passando a reivindicar a emancipação.

## INTRODUÇÃO

A presente monografia analisou o processo de construção e instalação da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda e suas implicações na transformação do espaço no período de 1930 1960. Será privilegiada com eixo central da pesquisa a questão habitacional, sendo identificada a participação da CSN na construção da cidade e sua influência no surgimento da chamada “Cidade Velha” nos arredores da usina.

Foi dado também destaque ao caráter simbólico do processo que constituiu a implantação do projeto industrial desde as negociações entre os agentes, passando pela questão locacional, chegando até a construção e implantação da empresa propriamente dita.

A preocupação em situar o processo de implantação do complexo no contexto local, nacional e internacional também mereceu atenção no trabalho. Neste aspecto discutimos o contexto sócio-econômico e político nas décadas de 30 à 60 no qual o mundo passou por momentos como a Segunda Grande Guerra e o pós-guerra, momentos marcantes na história mundial e que influenciaram diretamente no país e na construção do complexo urbano-industrial de Volta Redonda propriamente dito.

Para realizar o trabalho, alguns passos foram dados no sentido de empreender a pesquisa. Em primeiro lugar, levantamos obras que discutiam a temática em acervos de bibliotecas como as do IPPUR (Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano e Regional) e no Departamento de Geografia, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa, na Biblioteca Pública de Volta Redonda. Também nos servimos de textos que foram utilizados durante o curso de graduação.

Depois de realizado os levantamentos em diferentes fontes, foram feitas as leituras de todos os materiais selecionados no intuito de aproveitar ao máximo as fontes conseguidas. Como etapa final, foi construído o texto propriamente dito, que é a externalização das minhas idéias e reflexões adquiridas durante a pesquisa.



O trabalho está dividido em quatro capítulos, o primeiro capítulo estamos fazendo um breve histórico de Volta Redonda, abordando o contexto histórico nacional e internacional, o processo de negociações, os agentes envolvidos e a idéia de elaboração de uma nova sociedade local e nacional. No segundo capítulo, discutimos os conceitos de urbanização e industrialização e a formação das cidades industriais, do qual Volta Redonda é um exemplo emblemático. No terceiro capítulo analisamos o espaço disciplinar, a formação de seu conceito. No quarto capítulo foi trabalhada a questão da moradia operário, na Europa e seu histórico no Brasil. No quinto capítulo abordamos o processo de construção do complexo industrial de Volta Redonda e os problemas enfrentados pela empresa com a mão-de-obra, que inicialmente era escassa, mas que logo depois passou a existir em excesso e o surgimento da cidade dual no espaço de Volta Redonda, com o aparecimento da “Cidade Velha” nos arredores da Cidade Operária. No sexto capítulo analisamos o início do funcionamento da usina, as novas relações da indústria com o urbano, o agravamento do problema habitacional e o processo de emancipação de Volta Redonda.

# **1 - FORMAÇÃO DE VOLTA REDONDA**

## **1.1 - CONTEXTO HISTÓRICO NACIONAL, INTERNACIONAL, NEGOCIAÇÕES E AGENTES ENVOLVIDOS.**

No final da década de 20, o Brasil vivia um momento de profundas transformações em função principalmente da crise de 1929. Com a dificuldade de entrada dos produtos agrários brasileiros, principalmente o café no mercado mundial e a necessidade de diversificar a produção nacional, o Governo passa a pôr em prática planos para a industrialização nacional, no intuito de haver uma substituição das importações por produtos produzidos em território nacional.

Para suprir as necessidades do país de produtos industriais, o setor de base, principalmente o siderúrgico teria que ser estabelecido. No pensamento vigente à época, esse seria o caminho para o desenvolvimento pleno do Brasil.

Para que esse projeto de industrialização fosse implantado, o Estado teve que agir de forma direta, sobretudo por estar num momento em que o país atravessava uma crise muito profunda e o empresariado brasileiro que ainda se encontrava em formação não tinha condições de empreender a industrialização nacional. As elites, principalmente os cafeicultores encontravam-se em situação muito delicada, visto que o preço do café estava muito baixo e o mercado externo desfavorável, além de historicamente não se interessarem muito pelo setor industrial. O Estado era o único que poderia arcar com os onerosos custos da industrialização.

O setor de base era de vital importância para o desenvolvimento de um parque industrial competitivo e diversificado, pois abasteceria essas indústrias com insumos por elas utilizados. O setor siderúrgico, por exemplo, serviria para alavancar setores como o automobilístico, naval, bens de consumo duráveis, dentre outros, fornecendo ferro e aço, que são essenciais para a produção desses setores. Um outro grande fator que pesou na escolha do setor de base e principalmente o setor siderúrgico para receber investimentos maciços e alavancar

sua implantação, foi o fato desse setor beneficiar a indústria bélica e militar, apoiada em um contexto de guerra e onde os militares tinham muita influência no governo: “O Exército é o núcleo duro do governo, o centro que pressiona no sentido da implementação de uma política industrial para o país, apoiada num projeto siderúrgico”.(MOREIRA, 2003, p. 146).

A indústria de base era um setor em que a iniciativa privada não se interessava em investir, até porque necessitava de grande capital para sua implantação. Sendo assim, configura-se o momento certo do Estado em intervir na esfera econômico-produtiva, de acordo com Diniz, “A intervenção na economia, no domínio da produção propriamente dita, só era admitida no caso da necessidade de preencher lacunas”.(DINIZ, 1978,p.91)

Analisando o momento político do país, podemos entender que ele era benéfico para a intervenção estatal, já que o Governo Vargas era de característica autoritária, composto por uma ditadura e desde sua formação já estudava a idéia de um processo de industrialização para o desenvolvimento nacional.

Mesmo o Estado sendo o principal agente e único que poderia tocar pra frente o grande projeto para a industrialização de base, ele necessitava buscar recursos, principalmente técnico e financeiro, no exterior.

O empréstimo vindo do exterior era a única opção possível para o financiamento da grande indústria siderúrgica, pois segundo Draibe (2004), o empresariado em formação no país não se interessava e nem tinha condições de empreender o projeto da grande indústria e o Estado Nacional ainda estava se formando, com a criação de órgão reguladores, reformas tributária e legislativas dentre outras modificações empreendidas por Vargas em seu governo, não tendo assim condições de tocar sozinho o projeto de industrialização.

No caso da implantação da Companhia Siderúrgica Nacional, Getúlio Vargas se utilizou do momento de guerra que o mundo atravessava para conseguir esse apoio externo à industrialização. Assim num primeiro momento, Getúlio ensaiou uma aproximação com a Alemanha nazista. Por ser um governo autoritário, ditatorial e nacionalista, assim como a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini, a aproximação entre os países se mostrou possível e um caminho bem curto para o financiamento.

Vendo essa perigosa aproximação acontecer, o governo americano tratou de se mobilizar para que fosse mudado o rumo dessa história. Os Estados Unidos tinham no Brasil um parceiro estratégico, por sua influência na América Latina e sua posição geográfica estratégica. Essa preocupação norte-americana fica explicitada em uma fala de Roosevelt, que consta do livro de Alkindar da Costa:

*...o Brasil era e teria de ser o aliado mais importante do hemisfério. Não apenas as matérias-primas que fornecemos, mas a possibilidade da concessão de bases militares ao inimigo, seria um golpe mortal à estratégia de guerra, que aquela altura, já era mundial. Assim a Usina brasileira foi considerada pela economia norte-americana, também como um esforço de guerra. (COSTA., 2004, p.34)*

A simples troca do financiamento da Usina pelo apoio brasileiro aos aliados e a instalação de bases aliadas em território nacional, não agradava as autoridades em geral, como foi expresso pelo General Edmundo Macedo Soares, um dos mentores do projeto siderúrgico: “Getúlio não trocava sangue brasileiro por uma usina de aço, isso é obra da imaginação”.(COSTA. 2004, p.34)

No entanto a história mudou com o afundamento de navios brasileiros, supostamente pela marinha alemã, mudando assim também a fala de Macedo Soares, que declarou:

*Se o Vargas concordou que os Estados Unidos instalassem uma base aérea em território brasileiro, foi porque a Guerra Mundial se tornou também uma guerra do Brasil, com o afundamento de navios nossos e pelos nossos interesses com aquele país.(COSTA, 2004, p.35)*

Os acontecimentos da época e como Vargas se aproveitou daquele momento para pôr em prática seus objetivos como Ditador no poder no Brasil, ficam bem claros no livro de César Souza “Você é do tamanho de seus sonhos”, parte transcrita de Costa 2004:

*Ao Assumir a presidência da República em 1930, Getúlio Vargas sonhava introduzir o país na era da industrialização. Para isso, planejava fabricar aço, construindo uma siderúrgica, uma indústria de grande porte. O mundo estava às vésperas da Segunda Guerra Mundial. A tendência*

*inicial de Vargas, parecia ser, aliar-se aos Alemães, no entanto, os americanos, interessados em ter bases no Brasil, para suprimento de suas tropas no teatro operacional da Guerra, começaram a corteja-lo. Durante um bom tempo, o presidente fez o jogo duplo, chamado nos círculos diplomático de “balancing act”, ou seja, “ficou em cima do muro”. Até que os americanos fizeram uma proposta irrecusável. Financiariam a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, com doações e juros quase insignificantes, se o Brasil entrasse na Guerra, apoiando as forças aliadas.*

*No começo dos anos de 1940, nascia a CSN, marco inicial da era industrial no Brasil. (SOUZA apud COSTA,2004,p. 35)*

Assim que conseguiu o que queria, o financiamento e o apoio técnico dos americanos, Getúlio rompeu qualquer tipo de relação com os países do Eixo, formalizando seu apoio incondicional aos Aliados.

## 1.2 - A NOVA SOCIEDADE A SER ELABORADA.

O ideário getulista de industrialização não seria apenas restrito a investimentos na implantação de plantas industriais. Sua intenção com o projeto industrial era forjar uma nova sociedade. Essa nova sociedade seria alicerçada em mudanças nas relações de trabalho e capital. O homem que seria agente nessa nova sociedade necessitava de se readaptar às novas realidades impostas, que estavam pautadas no trabalho industrial, logo o novo homem dessa sociedade seria o operário industrial, o homem urbano. Com esta perspectiva, Vargas tentava também colocar em prática o ideal nacionalista, com o Estado centralizador como seu precursor e garantidor.

Para que o novo modelo de sociedade fosse implantado, teria que se modificar totalmente a estrutura da sociedade vigente no país. A estrutura agrário-exportadora era considerada ultrapassada pelo governo central, que tinha idéias desenvolvimentistas, sendo essa estrutura uma das grandes causadoras do atraso do país.

*Havia que se romper com a (des)ordem da República Velha, caracterizada pelo localismo, pelo regionalismo, pela base produtiva essencialmente cafeeira e agroexportadora em decadência, pelo privatismo e pela fragmentação das “virtudes nacionais” associadas ao esgotamento da democracia liberal. (Goulart,1990, apud, LOPES,1993,p.12 )*

Com o intuito de criar um modelo de sociedade que deveria ser seguido pelo resto do país, Vargas construiu em Volta Redonda, junto com a usina siderúrgica o que Moreira (2003) chamou de “espaço disciplinar”. Tal espaço seria formado pela Indústria e Cidade interligadas, sendo a cidade construída para servir a indústria. Conforme argumenta o autor, essa articulação ficou clara, pois se elaborou um modelo no qual a idéia de que o Estado poderia suprir todas as necessidades dos operários, tais como: habitação, saúde, alimentação e lazer, no entanto havia também a intenção de controlar todo o cotidiano do trabalhador e de sua família, ficando assim a população totalmente dependente e controlada pelo governo.

Para moldar esse novo trabalhador, a construção da Usina foi utilizada como laboratório. Como Ruy Moreira argumenta:

*De uma certa forma, o complexo vem para atuar como um grande laboratório de experiências necessárias à constituição da moderna sociedade brasileira como uma sociedade de trabalho avançada. Os canteiros de obras são os seus centros de excelência.(MOREIRA, 2003,p. 139.)*

Para a construção do complexo siderúrgico, viria um contingente expressivo de trabalhadores, na sua maioria camponeses, que com a experiência adquirida no trabalho e a nova mentalidade de sociedade trabalhadora industrial, formaria essa nova sociedade brasileira. A escolha da futura mão-de-obra, camponeses, em sua maioria analfabetos e semi-analfabetos, foi feita de maneira proposital, para que esses trabalhadores fossem forjados pelo trabalho, tornando assim mais fácil colocar em prática o projeto de nação brasileira idealizado por Vargas. A questão da mão-de-obra será abordada de maneira mais detalhada em outro momento deste trabalho. Essa intenção de forjar uma nova sociedade fica explícita com a construção, em conjunto com a Usina e a cidade, de uma escola técnica, a Escola Técnica Pandiá Calógeras, que inicialmente treinaria a mão-de-

obra para trabalhar na usina além dos filhos dos operários, mostrando assim a intenção de formar a mão-de-obra qualificada e inculcar nos jovens, filhos de operários, a nova ética do trabalhador industrial, além da preparação técnica.

Para projetar a cidade foi escolhido o arquiteto Atílio Correa Lima, arquiteto de muito destaque e prestígio na época, tanto que chegou a substituir o conhecidíssimo Lúcio Costa na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Ele foi muito influenciado pela corrente do urbanismo progressista e racionalista, que estava em ascensão na época. Como inspiração para a construção de Volta Redonda, esse arquiteto utilizou modelos americanos, os chamados “company towns”.

Como foi dito anteriormente, Getúlio Vargas se aproveitou do momento de guerra, para conseguir o apoio necessário ao seu projeto industrial e aproveitando-se da conjuntura favorável, no final da década de 30, Vargas nomeia uma comissão preparatória, para cuidar do processo de implantação do setor siderúrgico à nível nacional. Essa comissão era composta por Edmundo Macedo Soares, além dos engenheiros Joaquim Miguel Arrojado Lisboa, João Batista da Costa e Plínio Cantanhede e tinha o intuito de buscar os financiamentos necessários para a construção da Siderúrgica, de decidir sobre a escolha do local a ser implantada a Usina e buscar o melhor modelo além de apoio técnico para o projeto.

A Comissão recebeu inicialmente, em 1939, apoio técnico e promessas de apoio financeiro da United States Steel Corporation, que inclusive chegou a mandar representantes ao Brasil para analisar a viabilidade da implantação de uma Siderúrgica de grande porte, analisando fatores locais e de matérias-primas.

O primeiro revés no projeto de implantação aconteceu com a desistência dessa companhia em apoiar o projeto, ligando essa desistência ao pagamento de dívidas nacionais.

No início de 1940, Getúlio Vargas mostrou sua habilidade como negociador. Com essa desistência da empresa americana, o governo brasileiro ensaiou uma reaproximação com a Alemanha Nazista, para obter o financiamento e o apoio técnico necessário. Com isso o governo norte-americano entrou novamente no jogo, influenciando diretamente na reabertura de negociações entre o

governo brasileiro e a United States Steel Corporation. Com essa reaproximação e a garantia do governo americano de fornecer o financiamento, foi nomeada uma nova Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional, que foi presidida por Guilherme Guinle, que era um poderoso banqueiro e que teria como membros, Oscar Weinschermck, Ary Frederico Torres, Heitor Freire de Carvalho, o Tenente Edmundo Soares e Silva, e Capitão Tenente Adolfo Martins de Noronha Torrezão.

Essa Comissão tinha como objetivo discutir os trâmites finais para a implantação de uma usina siderúrgica de grande porte e também formar uma companhia nacional com participação capitais estatais e privados, na construção, instalação e administração da usina. A Comissão ficaria sob tutela do poder central federal, sendo suas decisões dependentes do crivo da Presidência da República.

Decidida a pendência sobre o financiamento, as participações de cada agente envolvido foram as seguintes:

Tabela 1: Participação no Capital da CSN

<b>Agente</b>	<b>Participação (%)</b>
Eximbank	44
Caixa Econômica	44
Previdência	5
Governo Federal	7

*Fonte: Moreira (2003)*

### 1.3 - MOTIVOS DA ESCOLHA DO LOCAL

A escolha do local da implantação da Usina Siderúrgica foi muito discutida pelas autoridades e técnicos responsáveis pelo projeto. Durante esse processo algumas localidades chegaram a ser cogitadas para receber a usina. Essas localidades tinham a esperança de receber um empreendimento desse porte, já que havia a promessa de alavancar a economia de todo o país, sendo assim seria muito importante no desenvolvimento local também.



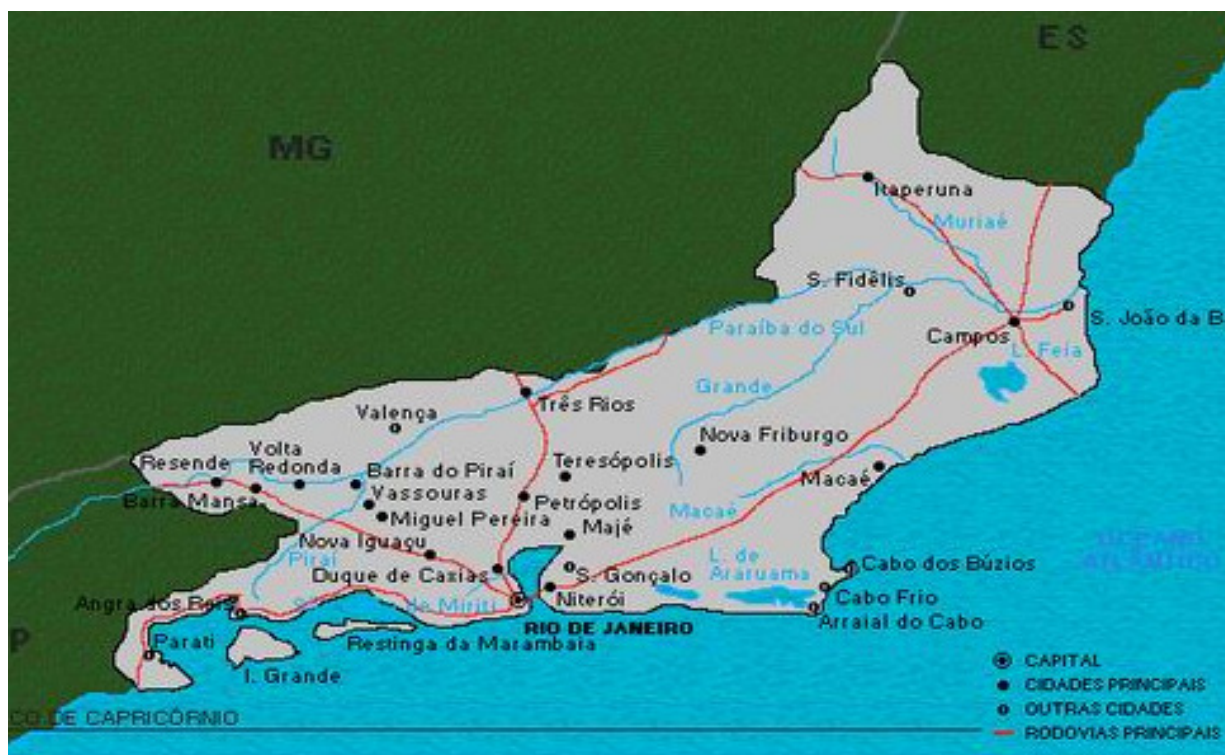
A Comissão Executiva do Plano Siderúrgico levou em conta diversos fatores para a escolha do local a ser implantada a usina, tais como: onde se encontravam as fontes de matéria-prima que sustentariam o empreendimento, a proximidade com os principais mercados consumidores da produção e a aparelhagem de transportes como rodovia, ferrovia e portos.

No que tange as matérias-primas, o minério-de-ferro, que representava uma parcela considerável da base para a produção do aço, se encontrava principalmente na região central de Minas Gerais, no Paraná, na região de Antonina e no Vale do Rio Doce, no estado do Espírito Santo. O carvão, que junto com o minério-de-ferro correspondiam a mais que setenta por cento das matérias-primas necessárias se encontrava principalmente em Santa Catarina. Por essas razões, tanto Espírito Santo quanto Santa Catarina chegaram a ser cogitados para a instalação da usina, mas por motivos diversos, como os que serão falados à seguir, logo foram descartados.

A proximidade dos mercados consumidores da produção, fez com que a escolha tendesse para os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, mais precisamente a região do Vale do Rio Paraíba do Sul, pois cortava os dois estados, que eram os maiores consumidores da futura produção.

O estado do Rio de Janeiro ganhou a disputa por ter maior influência política naquele contexto, a capital do país era a cidade do Rio de Janeiro, e seu interventor, Amaral Peixoto era genro de Getúlio Vargas. Além disso, já estava havendo a ascensão de São Paulo no cenário econômico nacional, precisando então, o estado do Rio de Janeiro de tentar se recuperar frente à essa ascensão paulista

Mapa 1: Estado do Rio de Janeiro

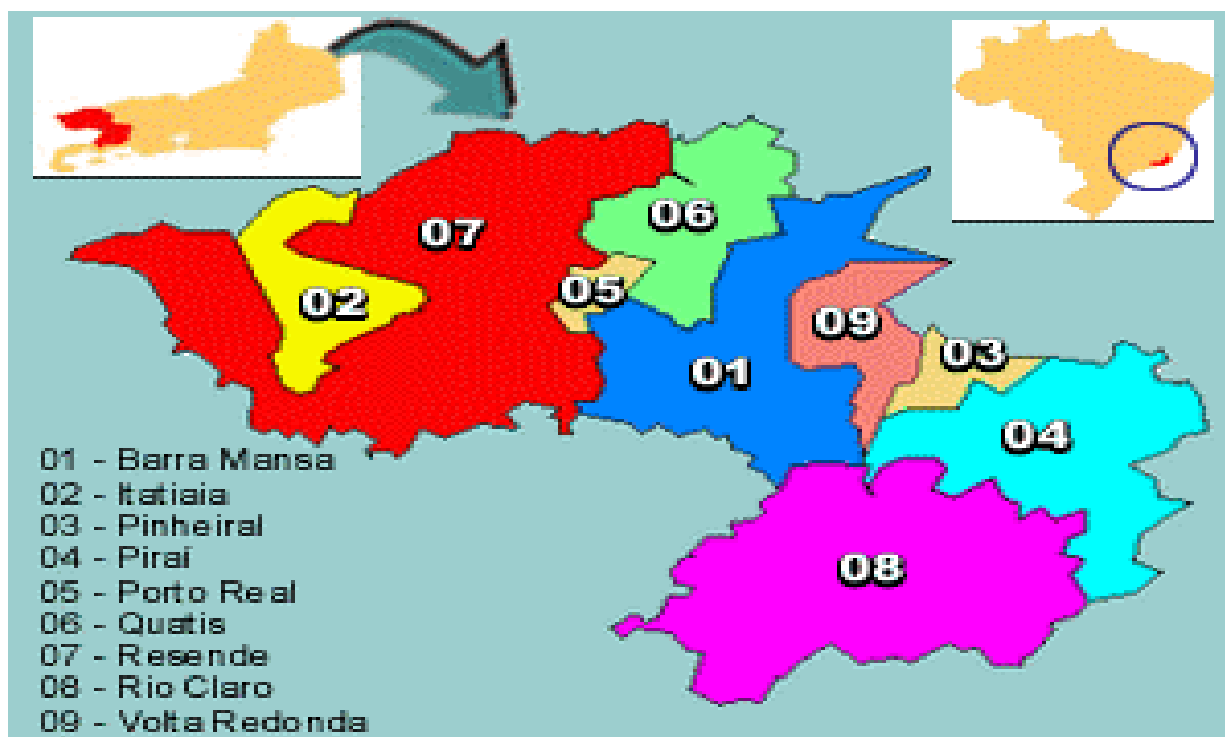


Fonte: [www.portalbrasil.net](http://www.portalbrasil.net)

Foi cogitado instalar a usina na cidade do Rio de Janeiro, em Santa Cruz, mas logo essa idéia foi deixada de lado, pois por estarem em tempos de guerra, uma localização litorânea precisaria de investimentos na defesa marinha e também seriam necessários investimentos muito pesados na disponibilização de água doce, visto que para o processo de produção do aço, necessita-se de grande quantidade.

Então venceu a escolha do Vale do Paraíba do Sul, mais precisamente o Sul Fluminense, que era coberto por uma considerável malha ferroviária. A maior parte das principais ferrovias do país cortavam essa região, além de ficar próximo dos portos do Rio de Janeiro e Angra dos Reis e relativamente próximo ao porto de Santos. Um fator que pesou muito contra a instalação da usina na cidade do Rio de Janeiro foi a preocupação que já existia com a concentração industrial nos grandes centros urbanos, prevendo possíveis inchaços urbanos nas grandes cidades, já que as indústrias que começavam a se instalar o faziam nos grandes centros, causando grande desequilíbrio entre os espaços. O governo getulista estava preocupado com os vazios territoriais, logo a construção da usina em um local com quase nenhuma urbanização fez parte dessa política de promover uma maior interação entre os espaços.

Mapa 2: Região Sul Fluminense



Fonte: [www.citybrazil.com](http://www.citybrazil.com)

A escolha de Volta Redonda se deu também, pois essa região atendia à vários fatores que otimizariam a produção. Contava com uma oferta abundante de água doce e energia elétrica, era cortada pela Estrada de Ferro Central do Brasil, sendo que o entroncamento que distribuía as linhas que partiam em direção à Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo se encontrava em Barra do Piraí, cerca de quarenta quilômetros distante de Volta Redonda, ficava próximo ao Rio de Janeiro e São Paulo, assim como estar protegida pela Serra do Mar de possíveis ataques marítimos.

Além de todas as características locais favoráveis, Volta Redonda também foi escolhida por motivos simbólicos. Por ser uma antiga região cafeeira, decadente, simbolizaria o rompimento com o velho modelo agrário-exportador e a instauração de um novo modelo, representando o moderno modelo industrial.

Naquele contexto, Volta Redonda era uma região pouco povoada e poderia ser considerada um espaço ainda sem utilização plena, tendo assim a possibilidade de imprimir o novo tempo industrial ao espaço, a nova sociedade industrial.

*Implantar a maior usina siderúrgica da América Latina num espaço de produção agrícola decadente, como Volta Redonda, implicava em provocar uma profunda transformação na paisagem do lugar. A decisão locacional tendeu a destacar, como atributos positivos do lugar, aquilo que, mesmo ligado a uma tradição agrícola identificada com o passado que começava a ser superado, pudesse servir de vetor à instalação do projeto. Volta Redonda não era um espaço “liso”, sem rugosidades capazes de impor alguma resistência e condições ao novo que se anunciava. (LOPES, 1993,p. 47)*

Portanto a escolha de Volta Redonda para a implantação da usina levou em consideração uma série de fatores locais físicos, mas também os considerados simbólicos foram os que mereceram grande destaque no momento da escolha do local.

A usina foi implantada no terreno de duas fazendas que foram desapropriadas em caráter de urgência: Santa Cecília, Retiro, estas juntas somavam mais de três mil metros quadrados.

## **2 – URBANIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO: CONCEITUAÇÕES INTERDEPENDENTES.**

### **2.1 - CIDADES INDUSTRIAIS: A MARCA DESSES PROCESSOS NO ESPAÇO.**

Com a crescente acumulação capitalista e os avanços tecnológicos, os grandes detentores de capital passaram a investir cada vez mais na produção, em novos modos, que pudessem fazer com que a produção aumentasse e logo os lucros também.

Assim aconteceu a Revolução Industrial, que era o emprego sucessivo de tecnologias modernas no processo produtivo, no intuito de aumentar a produção de mercadorias, no menor tempo, tirando o máximo possível da mão-de-obra.

A Revolução Industrial deu uma nova feição as cidades, que passaram à receber um grande contingente de pessoas, interessadas em trabalhar nas florescentes plantas industriais. Esse aumento populacional fez mudar completamente as cidades.

No Brasil, nos tempos da Colônia, as cidades eram isoladas entre si, cumpriam a função de recebimento e envio de mercadorias. Essa forma de cidade era dada em vista do modelo colonial imposto ao Brasil, um modelo explorador, que visava extrair as riquezas naturais e envia-las para a Europa.

Essas cidades seguiam instruções e modelos vindos de Portugal para sua construção, como demonstra Reis Filho, 1968

*Os portugueses trouxeram regras claras para definir público e privado, para localizar equipamentos, para separar as terras particulares doadas hierarquicamente aos pioneiros das indispensáveis ao atendimento das necessidades coletivas.(REIS FILHO,1968, p. 39)*

Os centros urbanos no Brasil eram incipientes, assim como a população que vivia neles era a minoria, até a virada do século XIX para o XX. Nessa virada,

com o país já independente e tendo se tornado uma república, começam a surgir ideais de industrialização no país, mesmo cabendo destaque para esforços isolados de industrialização anteriormente. O capital acumulado pelos cafeicultores, principalmente paulistas, passa a financiar um pequeno processo de industrialização. Inicialmente o processo de industrialização brasileiro era composto pela produção bens de consumo não-duráveis, como alimentos, bebidas, tecidos, ferramentas simples entre outros.

Esse processo, mesmo que ainda incipiente, conseguiu alterar pouco a pouco a lógica urbana nacional. Assim as cidades, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo registraram crescimento e passaram a exercer a função de pólo de atração populacional, aumentando a sua importância no cenário demográfico nacional.

A República Velha, período de 1899 a 1930, foi caracterizada por esse processo de industrialização incipiente e crescimento dos centros urbanos, tanto em importância como demograficamente.

O período seguinte, o chamado Estado Novo, que à partir da Revolução de 1930 levou Getúlio Vargas ao poder, o processo de industrialização se acentuou, assim como o de urbanização. Com a subida de Vargas ao poder, as idéias de modernizar o país começaram a ser colocadas em prática. O projeto de nação tida por esse grupo que estava no poder, cujo núcleo duro era formado por militares, seria uma nação moderna, baseada no trabalho industrial e na vida urbana.

Para que esse projeto fosse adiante, Vargas percebeu que deveria de certa forma unificar as forças existentes no país, utilizando-se de seus projetos para o desenvolvimento nacional.

Com a idéia de tornar o Brasil uma nação forte, o governo difundiu através da propaganda essa nova concepção de país, a urbana e industrial, também se aproveitando disso, exercer o controle do território nacional. Assim conforme diz Lopes (1993):

*Em que pese algumas diacronias e resistências localizadas, nada escapará aos desígnios de Vargas. Tudo na vida nacional estará sujeito ao enquadramento programático no seu projeto e, numa perspectiva de acelerada urbanização, difundirá um ethos urbano capaz de se desdobrar em efeitos panópticos da*

*escala nacional à esfera doméstica e familiar. Lopes, 1993, p.14.*

Houve uma mudança crucial na política nacional, quando Getúlio Vargas resolve fechar o Congresso Nacional, no ano 1937, se transformando em ditador, com todo o poder centralizado em suas mãos, podendo assim realizar as reformas projetadas como bem entendesse. Foi concentrado todo o poder na instância federal, os estados e municípios enfraqueceram-se, sendo seus governantes interventores escolhidos pelo poder central.

Com essas mudanças, Vargas pode implementar o projeto central de seu governo, qual seja: a industrialização de base, principalmente o projeto da construção e implantação da Companhia Siderúrgica Nacional.

Como já foi dito no capítulo anterior, para que a CSN chegasse à existir e entrar em funcionamento, um longo e cansativo processo de negociações teve de ser empreendido. Assim, desde questões como o financiamento até a questão locacional e tecnológica foram exaustivamente debatidas, até se chegar ao projeto implantado. O projeto da Companhia Siderúrgica Nacional, teria de ser diferenciado, para servir de modelo para a nova sociedade à ser erigida no país.

Diferentemente do que vinha ocorrendo com as indústrias da época, que se instalavam nos grandes centros, aumentando muito a população das cidades e diminuindo a qualidade de vida desses locais. Como o país não contava ainda com uma infra-estrutura básica bem aparelhada, que pudesse dar sustento a um projeto de industrialização consistente, as indústrias se instalavam nos grandes centros, onde havia uma razoável infra-estrutura ou escolhiam localizações mais afastadas, construindo por conta própria a infra-estrutura que necessitavam. Inclusive em muitos casos, era construído pela indústria até as moradias dos trabalhadores, como foi feito no caso da Companhia Siderúrgica Nacional e de Volta Redonda.

A construção de uma nova cidade, em local isolado, serviria como modelo, pois a intenção era de construir uma nova sociedade, baseada no operariado industrial e no cotidiano urbano.

Segundo Correia (2001), essas localidades industriais recebiam diferentes nomenclaturas, que se adequavam as suas particularidades. Essas localidades

poderiam ser apenas bairros operários, vilas operárias e até cidades, de acordo com o tamanho e a importância do estabelecimento.

Pelas proporções tanto de caráter físico como de caráter político e simbólico, Volta Redonda se encaixa como uma Cidade Operária (Correia, 2001) e Cidade Empresa (Piquet, 1997), sendo essas duas nomenclaturas as mais utilizadas neste trabalho.

O projeto de criação da Cidade Operária de Volta Redonda, foi elaborado por Atílio Corrêa Lima, respeitado arquiteto e urbanista na época, contava com formação na França e vinha credenciado pelo seu projeto da cidade de Goiânia.

Influenciado pelas idéias progressistas, Corrêa Lima projetou a Usina no ponto central do local e uma cidade com 4000 habitações, contando com todos os aparelhos de infra-estrutura, como água, esgoto, escolas, hospitais e etc.

Também em seu projeto, Corrêa Lima instituía o uso do solo, escolhendo o local de cada construção, nos terrenos da empresa, os espaços utilizados para futuras expansões da Usina, assim como os bairros onde se instalariam a mão-de-obra, obedecendo a ocupação técnica dos operários, como coloca Souza(1992):

*... em torno do centro comercial se colocam a usina, de um lado, e de outro a “Vila Santa Cecília” (bairro destinado aos técnicos e operários especializados); aos fundos, o “Conforto” (bairro para operários não especializados) e, em frente, num plano elevado, o bairro dos engenheiros. Esta disposição permite que os três bairros residenciais tenham acesso rápido e direto ao centro comercial e à usina. (Souza, 1992, p. 17.)*

Foram reservados espaços para cada aparelho de infra-estrutura, assim como definidos como iriam ser as vias de circulação. Haveriam avenidas largas que orientariam o tráfego, podendo ser utilizadas por carros, enquanto que haveria outras ruas, entre as casas, que seriam privativas aos pedestres. As habitações tinham tamanhos diferenciados, de acordo com o cargo ocupado pelo seu morador, caracterizado por casas baixas e geminadas, que ficariam distantes 10 metros da rua, sem qualquer muro ou cerca nessa área, nesse ponto, sendo influenciado por modelos norte-americanos de residências. Essas habitações eram destinadas para operários que fossem casados, que possuíam uma família. Para os solteiros foram construídos hotéis para abriga-los.



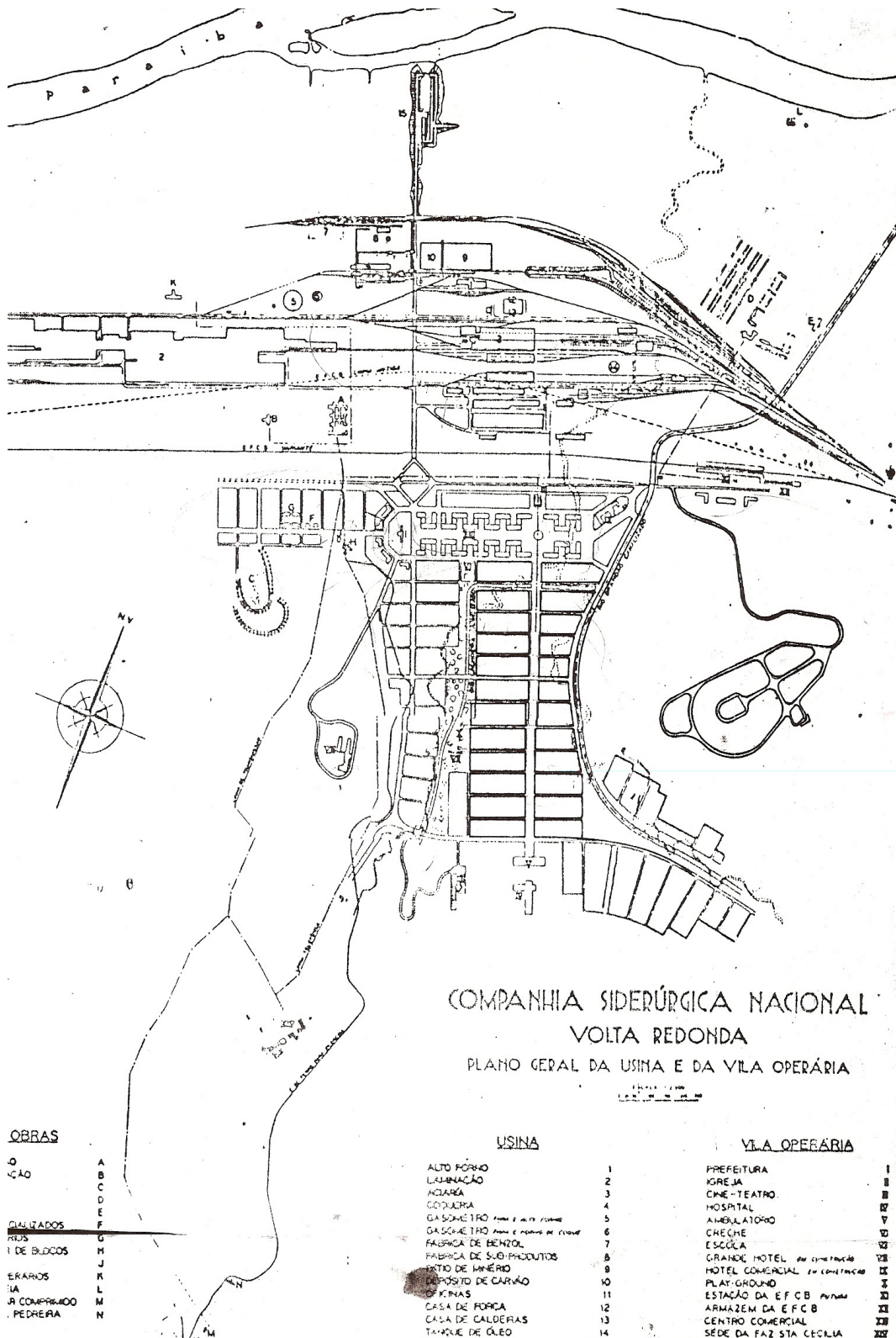


Figura 2: Projeto da Usina e Cidade Operária de Volta Redonda.

Fonte: SOUZA ( 1992)

Foi reservado no projeto também o local onde seria construída a Prefeitura, que mais tarde foi utilizado para a construção do prédio do Escritório Central da Companhia, onde se concentraria a direção e a área administrativa da empresa. Esse prédio com 16 andares era o mais alto da cidade e deveria se impor de forma que demonstrasse bem a relação de domínio que a indústria exerceria sobre a cidade, como mostra a foto à seguir:



Foto 1: Escritório Central da Companhia Siderúrgica Nacional

Fonte: Museu Virtual, [www.portalvr.com](http://www.portalvr.com)

O plano de Cidade Operária encontrava muitos pontos em comum com o elaborado por Tony Garnier, este um urbanista francês, que se ocupou de elaborar um plano de cidade industrial ideal, baseado em ideais racionalistas e progressistas, que tinha como propósito colocar em prática na região de Lyon na França. Em sua cidade industrial, Garnier coloca como a indústria motriz do projeto uma siderúrgica-metalúrgica, assim como no plano de Volta Redonda também havia proposta parecida, sendo implantada apenas uma siderúrgica.

A cidade industrial de Garnier colocava a responsabilidade do poder governante da cidade, o suprimento das necessidades básicas de sua população ideal, que seria avançada tecnologicamente e socialmente, sendo inclusive uma sociedade socialista. Como destaca Lopes 1993:

*Garnier adverte que o seu modelo só tem sentido se admitirmos a conquista de “certos progressos de ordem social”. Isto justificaria a regulamentação urbanística, de higiene pública e de uso da cidade. A terra, na sua cîte, é socializada. (LOPES, 1993, p. 67)*

A cidade de Garnier, assim como no plano de Corrêa Lima para Volta Redonda, o trabalho industrial seria a pedra angular para seu desenvolvimento. Nos dois modelos a indústria ficaria no centro da paisagem, podendo ser visualizada de toda a cidade, assim como o acesso a ela, o local de trabalho, seria facilitado pelo desenho da cidade. O edifício da direção e administração ficaria próximo à entrada principal da planta industrial, assim como aconteceu com o Escritório Central da CSN.

As características citadas acima mostram a influência do projeto de cidade industrial modelo de Tony Garnier no plano de Cidade Operária elaborado por Atilio Corrêa Lima para Volta Redonda.

A figura a seguir ilustra como seria a Cidade Industrial de Tony Garnier, de acordo com sua idéia de cidade que serviria para realizar a Revolução Industrial, utilizando as tecnologias e materiais fornecidos pela indústria, mas também se utilizar da eficácia industrial, de acordo com Choay (2003).

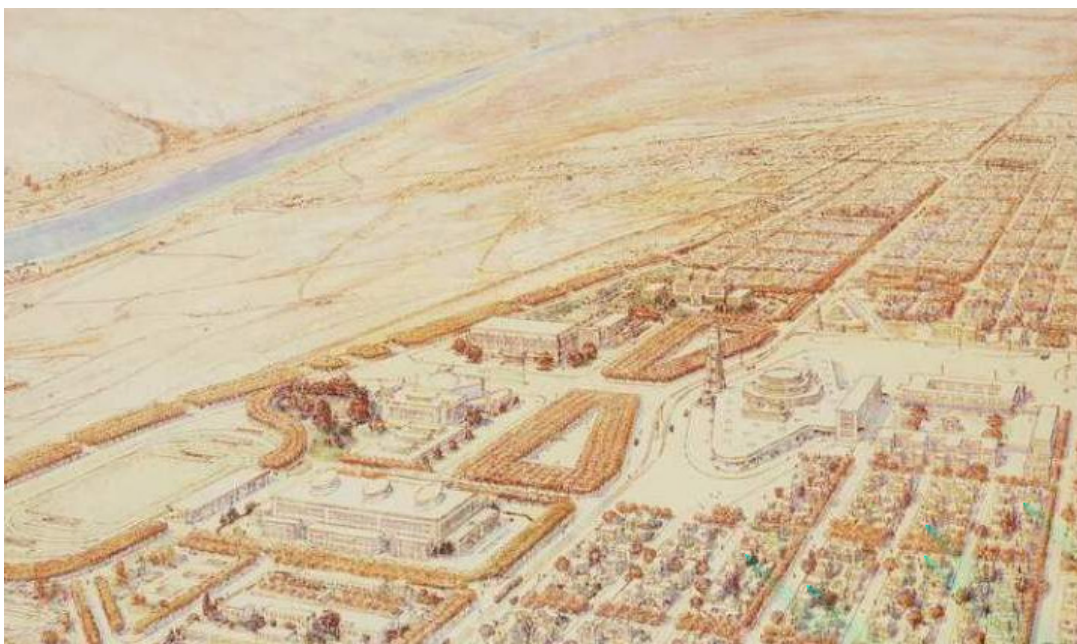


Figura 2: Cidade Industrial de Tony Garnier:

No entanto por questões políticas e da realidade sócio-espacial em que seria implantado o projeto, algumas diferenças entre os dois planos ficaram explícitas. Entre essas diferenças estava a importância dada no projeto de Garnier à estação ferroviária, inclusive na esfera social, diferentemente de Volta Redonda, que a estação ferroviária atenderia principalmente a esfera produtiva, no suprimento de matérias primas e no escoamento da produção.

A sociedade brasileira estava em busca dos progressos sociais que Garnier colocava como peça-chave para que seu plano obtivesse sucesso, como uma sociedade moderna, baseada no trabalho industrial e na vida urbana, logo algumas características de seu projeto não puderam ser utilizadas no plano de Volta Redonda.

Algumas dessas características que valem a pena destacar são:

- Na Cidade Industrial de Garnier as terras eram socializadas, com autonomia administrativa, enquanto que na Cidade Operária de Corrêa Lima o poder administrativo era exercido pela CSN, que também detinha a posse da terra, das habitações e de todos os equipamentos de infraestrutura urbana.
- Enquanto no projeto de Garnier não existia polícia, força repressiva que impusesse ordem, pois sendo uma sociedade socialista superior, não haveria os comportamentos criminosos, enquanto em Volta Redonda, mesmo não existindo previsão no projeto de Corrêa Lima, havia uma delegacia, que funcionava também como prisão, para reprimir a violência e o crime na Cidade Operária.
- Na cidade de Tony Garnier não existiam templos religiosos, enquanto que em Volta Redonda houve a construção de uma igreja católica, respeitando assim a cultura religiosa da população que ocuparia a cidade.

Todas essas características de planejamento urbano e a preocupação detalhista são explicadas pela importância dada pelo governo em construir um modelo perfeito de sociedade industrial que pudesse servir para alavancar e inspirar essa consciência de nação e do trabalhador operário urbano como forma superior de homem. Cada detalhe, seja no âmbito industrial ou urbano, econômico

ou social, serviria como ponto de partida para um novo país e símbolo representativo das idéias do governo Vargas, como é exposto por Lopes (1993):

*O projeto de Volta Redonda, porém, seria muito mais que uma simples unidade de produção industrial, figurando como uma espécie de estandarte-síntese do projeto nacional de Vargas. A Usina de Volta Redonda seria a maior unidade industrial do país, dotada de recursos tecnológicos dos mais avançados do mundo para o setor na época e gerenciada por uma empresa que nascia com vocação de modelo para o país. A usina representava a alavanca da modernização e da diversificação industrial no Brasil. Ao projeto de Volta Redonda seriam atribuídos códigos simbólicos, capazes de identifica-lo como síntese do que deveria ser o Brasil novo. Esses códigos estariam associados não só aos aspectos econômicos, industriais e tecnológicos do projeto, mas a um amplo conjunto de experiências que estavam sendo implementadas e que iam do social ao urbanístico. (LOPES, 1993, p. 21)*

Mesmo com todas as preocupações com o projeto, ele não conseguiu se realizar por completo, surgindo inúmeros problemas, como a falta de moradias para todos os funcionários, o crescimento desordenado da população e o surgimento de uma cidade que crescia totalmente sem planejamento, bem ao lado da parte harmoniosa administrada pela CSN, representando assim o problema da segregação espacial.

Esses problemas serão abordados nos próximos capítulos desse trabalho monográfico.

### 3 - O Espaço Disciplinar

A idéia da construção de um espaço disciplinar, que segundo Ruy Moreira seria formado pela cidade operária e a usina, remonta o panoptismo analisado na obra “Vigiar e Punir” de Michael Foucault.

Nessa obra, a formação do espaço disciplinar teria a função de isolar uma cidade que foi atingida por uma determinada peste. Era um modelo de exclusão, que poderia ser utilizado por um tempo determinado, não podendo ser generalizado. Para Foucault, seriam essas as seguintes características do espaço disciplinar:

*Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado[...] isso tudo constitui um modelo compacto de dispositivo disciplinar. (FOUCAULT, 1987, p. 163)*

Sendo esse espaço excludente, uma forma que não era passível de generalização, pois era um regime extremamente rígido, uma forma generalizável de institucionalização do poder foi apresentada, o panóptico. Na obra de Foucault, a produção desse espaço foi uma forma encontrada de estabelecer o poder sobre uma determinada população em um determinado espaço. Esse estabelecimento panóptico simbolizado por uma torre que ficaria no ponto central do lugar, no intuito de vigiar um contingente de pessoas que ficariam ao seu redor. Dessa torre é possível vigiar tudo à sua volta sem que as pessoas pudessem ver se estavam sendo vigiadas de fato. A torre seria um símbolo de poder, uma forma de impor uma disciplina, através de símbolos que intimidariam a população para que não tivesse comportamentos desviantes.

No projeto de Volta Redonda, esse efeito panóptico fica claro no arranjo das moradias. As casas de operários mais especializadas localizavam-se um pouco

acima das casas dos operários sem especialização, enquanto que as casas dos engenheiros e administradores ficariam em um ponto ainda mais alto, de forma que pudessem vigiar os seus subordinados.

O ponto central reservado inicialmente para a prefeitura, que foi utilizado para a construção do Escritório Central (Foto 1), passou a simbolizar a torre do estabelecimento panóptico. Esse prédio era o mais alto da cidade operária, sendo ocupado pelos cargos de chefia da empresa. Desse local toda a cidade poderia ser vista e vigiada sem que os moradores pudessem ver que estavam sendo vigiados. Era o símbolo do poder exercido pela empresa sobre a cidade.



## 4 – Questão da Moradia Operária

Engels em sua obra “A Questão da habitação” empreende uma discussão bastante importante sobre a questão moradia operária

A questão da moradia operária é uma preocupação que remonta desde o século XIX, quando as cidades européias cresceram em função do recebimento de um grande contingente populacional, atraído pela florescente indústria da época.

O autor discute qual seria a melhor forma de moradia para o trabalhador industrial, o aluguel ou a compra de sua casa. No que tange o aluguel, o trabalhador ficaria sem um vínculo com a moradia, com o local onde mora, podendo sair e procurar melhores condições quando achasse conveniente. Mas o pagamento do aluguel faria com que o proprietário capitalista lucrasse com a moradia, transformando-a em capital.

Se optasse por comprar a casa, o operário poderia até se sentir mais seguro quanto a ter um teto para se abrigar. Todavia com sua vinculação ao espaço através da posse da moradia, esse operário perderia seu caráter revolucionário, não podendo sair do local a procura de melhores condições de trabalho e salário. Além disso, quando o operário compra sua casa e a utiliza para moradia, essa casa deixa de ser um capital, pois o operário não a utilizará para obter lucros. Essa casa só pode ser considerada um capital quando ela é vendida ou alugada.

Cabe destacar que qualquer uma das formas, o aluguel ou a compra da moradia manteria uma relação desigual, de exploração, entre o capitalista e o operariado, pois com o pagamento do aluguel, o capitalista iria lucrar com seu imóvel, assim como se o vendesse ao operário. Nas duas formas a exploração e a opressão da classe trabalhadora seria mantida.

Para Engels, a solução para o problema de habitação seria: “...eliminar pura e simplesmente a exploração e a opressão da classe trabalhadora pela classe dominante”.(ENGELS, 1979, p. 1).

No Brasil a relação que se estabelece na questão da moradia é diferente da estabelecida na Europa em alguns aspectos, sobretudo porque em cada local dentro do território nacional a relação estabelecida entre o operariado e a moradia é diferente.



Segundo Blay (1985), no caso de São Paulo e suas vilas operárias no decorrer do século XX, por exemplo, o trabalhador que conseguia obter uma casa própria se sentia mais seguro para procurar melhores condições de trabalho e salário em outros lugares, tendo a segurança de um teto para se abrigar ao final do dia. Por outro lado, nas vilas construídas pelo industrial e alugadas ou cedidas ao operário, a moradia se tornava uma forma de controlar e intimidar o operário, havendo inclusive casos em que os mesmos que se envolviam em greves ou participavam de movimentos organizados eram ameaçados de perder o emprego e também a sua moradia.

A construção de vilas operárias no Brasil foi muito acentuada a partir da República Velha, sendo registrados alguns esforços isolados para empreender indústrias no país, no entanto foi a partir do final do século XIX que o país começou a se industrializar de fato, ainda que, segundo Francisco de Oliveira, na República Velha, os níveis de industrialização para o país ainda eram considerados medíocres.

Essa era a situação que ocorria na cidade operária de Volta Redonda, isto é, todas as moradias e os serviços eram fornecidos pela CSN, além do esquema repressivo montado no local, ainda havia o perigo de perder a moradia com condições elevadas de vida fornecidas pela empresa. Neste sentido, a CSN intimidava o trabalhador no momento de se organizar e lutar por melhores condições de trabalho e salário.

Como as cidades brasileiras não estavam preparadas para receber as fábricas e os operários industriais, a construção de vilas operárias passou a ser empreendida pela indústria e pelo poder público,. Essas vilas operárias eram construídas nas cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, como destaca Blay (1985), ou em localidades isoladas, como Correia (2001) coloca em seu trabalho.

A construção de Volta Redonda é emblemática nesse sentido, pois é empreendida a construção de uma cidade completa para abrigar os trabalhadores da CSN, em um local isolado.

A construção de vilas operárias veio para tentar resolver o problema das moradias para os operários, que não encontravam boas condições nas cidades em crescimento. Essa construção também veio para que fosse exercido um maior

controle sobre os trabalhadores por parte da empresa. Dessa forma, além de extrair a mais-valia do trabalhador, a empresa lucraria com a moradia, vendendo as casas ou cobrando aluguéis e exerceria um controle amplo sobre a vida do trabalhador. O fornecimento de moradias pela empresa também passou a ser utilizado como forma de intimidar o trabalhador para não lutar por melhores condições de trabalho e salário.

## **5 - A CONSTRUÇÃO DO COMPLEXO INDUSTRIAL DE VOLTA REDONDA**

### **5.1 - MÃO-DE-OBRA: DA ESCASSEZ AO EXCESSO**

Após o processo de negociação empreendido pelos agentes envolvidos para viabilizar o projeto da construção da Usina e da Cidade Operária e também com a escolha do Distrito de Santo Antônio de Volta Redonda para a construção do Complexo, um novo problema surge para ser resolvido, como suprir a falta de mão-de-obra?

Santo Antônio de Volta Redonda, por ser um povoado de aproximadamente 1500 habitantes, a mão-de-obra deveria vir de outros locais para suprir as necessidades desse empreendimento. Assim, em sua maioria os trabalhadores eram do interior do próprio estado do Rio de Janeiro e também de Minas Gerais e Espírito Santo. De acordo com uma pesquisa feita pela própria CSN, que está no trabalho de Morel (2001), mais da metade dos trabalhadores entrevistados tinham origem de Minas Gerais, número que ultrapassa em muito os de origem o do próprio estado do Rio de Janeiro, que contribui com pouco mais de 30% desses trabalhadores.

Os trabalhadores que chegavam a Volta Redonda foram atraídos pela intensa propaganda feita pelo governo federal no interior dos estados. Foram espalhados alto falantes que transmitiam uma programação oficial no interior do país, no intuito de exaltar os feitos de Vargas no país e mostrar que a vida urbana e industrial que florescia em alguns locais era a nova e próspera vida que o governo queria para o povo brasileiro.

Além dessa propaganda oficial, que atraiu as pessoas para trabalhar na construção do Complexo, até certo ponto de maneira espontânea, havia a prática do agenciamento. Esse agenciamento era utilizado pela Companhia, que chegava a pagar agenciadores que trouxessem trabalhadores. Essa era uma prática que a Companhia não exercia de maneira oficial, como relata Lopes em seu trabalho:

*A tarefa dos agenciadores consistia em percorrer o interior do país recrutando trabalhadores. A Rádio Nacional exercia um papel insubstituível na difusão da obra, iluminando Volta Redonda como uma promessa de progresso no qual valia a pena apostar. (LOPES, 1993, p. 104)*

Cabe destacar que muitas pessoas eram enganadas por falsos agenciadores, que em troca de uma quantia que deveria ser paga a ele, prometia emprego e moradia aos trabalhadores. No entanto quando chegavam à Volta Redonda, descobriam que tinham sido enganados.

O Governo para atrair e manter a mão-de-obra no local definiu algumas regras, aproveitando-se do contexto de Guerra Mundial. Assim, transformou a construção da usina em esforço de guerra, passando os trabalhadores recrutados a serem desobrigados do serviço militar, o que era um grande atrativo em tempos de guerra. Cabe ressaltar, que os trabalhadores da construção não tinham direito as férias e tinham jornadas de trabalho que chegavam a 12 horas, além de não poderem se afastar do serviço, já que passavam a ser considerados desertores e até processados pelo Estado se o fizessem.

Os trabalhadores que vinham para Volta Redonda, do interior, não estavam acostumados com o trabalho na construção e nem o industrial, assim como não tinham a experiência de viver em centros urbanos. Em sua maioria eram semi-analfabetos, como diz Macedo Soares, em um trecho de discurso extraído de Souza (1992)

*Os homens que vieram construir Volta Redonda, espontaneamente ou recrutados em seus estados, eram bisonhos, quase sempre mal tratados, completamente ignorantes do que seria uma usina siderúrgica. Vieram como teriam ido para um garimpo procurar trabalho, ganhando o que eles julgavam ser uma boa remuneração. (SOUZA, 1992, P. 24)*

A escolha desse perfil de trabalhador para tocar um projeto da importância do Complexo Industrial de Volta Redonda se explica na intenção de moldar o novo homem brasileiro. Esses trabalhadores rurais, com pouca instrução e principalmente receptivos às mudanças que a eles seriam impostas, seriam facilmente transformados no operário industrial, classe muito valorizada e tida

como modelo de homem na nova sociedade urbano-industrial que estava sendo idealizada e construída por Getúlio Vargas.

Para que esse homem sem preparo nenhum, sem nenhuma noção do que era o trabalho industrial ou a vida em cidades pudesse ser transformado em modelo de operário industrial, o governo utilizou o processo de construção do complexo como uma espécie de laboratório.

As pessoas que chegavam a Volta Redonda eram muito pobres, simples e muitas vezes doentes. Como relata Lopes (1993) e Souza (1992), um verdadeiro ritual para a seleção era aplicado nesses trabalhadores, eles passavam por exames médicos, tomavam banho, recebiam roupas novas, eram fichados e os que alegavam que sabiam o nome recebiam nomes. Depois de passar por esse processo e também pelo exame médico, os trabalhadores eram selecionados para exercer possíveis ofícios como pedreiro, carpinteiro as pessoas que poderiam ser aproveitadas para trabalhar na empresa.

O ritual a que eram submetidos os trabalhadores que chegavam a Volta Redonda e o processo de seleção dos que seriam aproveitados na obra, tinha também todo um caráter simbólico, o do rompimento com uma realidade ultrapassada, para uma realidade moderna, como destaca Souza (1992)

*O trabalhador identificado, classificado, examinado e uniformizado estava pronto para iniciar uma nova vida. Os procedimentos a que fora submetido tinham mesmo a intenção de marcar um corte com relação à vida anterior. (SOUZA, 1992, p. 26)*

A maioria dos trabalhadores que chegavam para trabalhar na construção eram do sexo masculino, sendo que alguns vinham trazendo toda a família. Inicialmente eram abrigados em acampamentos coletivos, como os mostrados na foto à seguir.



***Acampamento dos primeiros trabalhadores da CSN***

Foto 2: Moradia dos primeiros trabalhadores.

Fonte: Museu Virtual, [www.portalvr.com](http://www.portalvr.com)

Durante essa fase, que vai de 1942 até meados de 1943, as condições de moradia e higiene eram precárias. Havia dois acampamentos coletivos. O Acampamento Principal e o Rústico, mostrados na Foto 3. O primeiro, que ficava mais próximo à futura usina, era um alojamento coletivo, feito de madeira e alvenaria. Este era dotado de energia elétrica, água potável, esgoto, banheiro coletivo e algumas casas para operários que tinham família serem abrigados. Esse era o acampamento melhor aparelhado, e apresentava condições de moradia relativamente boas. No outro acampamento, o Rústico, as condições de moradia eram bem piores, pois as casas eram pequenas e de pau-a-pique, representando pouca infra-estrutura. Cabe ressaltar que esses acampamentos construídos pela empresa, não eram suficientes para abrigar as pessoas que chegavam. Nessa fase inicial, havia também pequenos alojamentos construídos dentro dos terrenos da usina, além de terem também aparecido barracos construídos sem o consentimento da empresa, sem as mínimas condições de higiene, fazendo surgir os primeiros problemas de habitação.



*Bairro Rústico (ao fundo o local da futura usina)*



Foto 3: Acampamentos: Rústico e Principal.

Fonte: Museu Virtual, [www.portalvr.com](http://www.portalvr.com).

Já em 1942, segundo dados da CSN retirados de Morel (2001), ano do início da construção, a Companhia já contava com 3850 operários e a população da cidade já ultrapassava os 10 mil habitantes. Essa diferença entre a população da cidade e os empregados da empresa mostravam o poder de atração exercido pelo empreendimento, assim como a incapacidade de absorver todas as pessoas que chegavam.

Com essa grande concentração de pessoas, que como já foi dito anteriormente eram em sua grande maioria homens, os desvios de conduta passaram a ocorrer neste local. Mesmo a maioria das pessoas terem ido para Volta

Redonda em busca de trabalho, havia também os que se aproveitaram do grande fluxo de pessoas para tirarem proveito da situação, até mesmo foragidos de outras partes do país iam se esconder em Volta Redonda, segundo Souza (1992).

Frente a esses problemas, um rigoroso esquema repressivo e de controle foi colocado em prática pela empresa no local. Como as principais figuras desse esquema repressivo de segurança cabe citar o General Edmundo de Macedo Soares, homem escolhido por Getúlio Vargas para compor a comissão que tocava o projeto de construção do Complexo e também para administrar o local e o Capitão Edgard Magalhães da Silva, que era considerado o prefeito da cidade, tamanho o seu poder e importância no contexto disciplinar.

A violência física era um dos métodos empregados para reprimir os comportamentos desviantes e muitas prisões foram feitas pela força policial que agia dentro do espaço controlado pela CSN. Essas medidas repressivas eram tomadas em conjunto com as educacionais, como Morel (2001) coloca:

*As estratégias disciplinares e coercitivas conviviam com medidas educacionais. De fato, bem dentro do contexto da época, a CSN foi pensada como modelo, uma empresa exemplar para o resto do país – deveria produzir, além de aço, um novo tipo de trabalhador. (MOREL, 2001, p.58)*

Faziam parte das medidas educacionais acima citadas, as preocupações com a higiene das moradias. Nos acampamentos eram feitas freqüentes vistorias e desinfecções, além de campanhas educacionais para ensinar os homens à manter as instalações limpas e em bom estado de conservação. Os que possuíam família e tinham habitações individuais, a tarefa de zelar pela casa, ficava por conta da mulher, que inclusive recebia instrução de pessoas pagas pela Companhia para ensinar-lhes a cuidar do lar.

Outra medida educativa foi à criação da Escola Profissional, que entrou em funcionamento no ano de 1943. Essa escola visava formar, em caráter de urgência, profissionais para as tarefas mais especializadas. Os trabalhadores que tinham a oportunidade de fazer algum curso nesta escola, passaram a compor uma camada diferenciada dentro do operariado. Estes receberiam um ofício especializado, teriam salários melhores e gozavam de algumas vantagens, como por exemplo, o acesso facilitado à moradia.



Tanto as medidas repressivas quanto as educativas, tinham o objetivo de formar um modelo de operário industrial responsável pela construção de Volta Redonda e sendo seu progresso irradiado para o resto do país.

## 5.2 - A EXPLORAÇÃO DOS OPERÁRIOS E A QUESTÃO DA MORADIA

Mesmo com as vantagens oferecidas pela Companhia, como a moradia com um mínimo de conforto, atendimento hospitalar e alimentação, muitos trabalhadores não se adaptaram ao estilo de vida imposto à eles. Assim a rotatividade dos trabalhadores era muito grande, tanto que no período de 1941 à 1946 foram contabilizadas pela empresa 41650 admissões e 30751 demissões, segundo dados da Prefeitura Municipal de Volta Redonda.

Os problemas relacionados a esta rotatividade, nos primeiros tempos da construção do complexo, estavam vinculados a jornada de trabalho que era muito pesada, a disciplina e o controle exercidos pela empresa que eram muito rígidos. Então muitas pessoas não se conformavam com a exploração e o controle, isso levou a fuga de muitos trabalhadores, que fugiam da maneira que conseguiam. Estes fugitivos eram considerados desertores, já que como foi dito, o trabalho na construção da usina foi considerado esforço de guerra. Além da exploração, o abandono de muitos trabalhadores, também passaram a ocorrer os primeiros ensaios de resistência à exploração. Inicialmente as manifestações de protesto eram individuais e se caracterizavam pela desobediência aos superiores imediatos. No entanto começam a surgir também, mesmo que de forma incipiente, formas de resistência coletiva, como a ameaça de parar o trabalho assim como a tentativa de mobilizar outros trabalhadores para protestar contra o regime imposto pela empresa.

Dessa forma pode-se constatar que mesmo com toda a repressão, o operariado que a CSN queria formar, além de aprender seu ofício, também aprendeu a lutar, e começou a se organizar uma classe operária em Volta Redonda, que até hoje se mostra muito combativa. No entanto, naqueles tempos, a principal reivindicação era o acesso a moradia. A questão, portanto engendrou o

nascimento das duas cidades distintas no mesmo espaço: a “Cidade Nova”, planejada e controlada pela Companhia e a “Cidade Velha”, sem nenhum planejamento, totalmente abandonada pelas autoridades. O surgimento dessas duas cidades será abordado à seguir.

### 5.3 - SURGIMENTO DE DUAS CIDADES DISTINTAS EM UM MESMO ESPAÇO

O distrito de Santo Antônio de Volta Redonda se situava em uma região de cafeicultura decadente economicamente. Alguns fazendeiros passaram a se dedicar à pecuária, razão pela qual o local realizava as funções de entreposto comercial de produtos animais, aproveitando-se do rio ainda ser navegável para escoar os produtos.

Tinha uma população pequena, de cerca de duas mil pessoas, que se ocupavam do comércio e da produção agropecuária. A construção de uma estação ferroviária no local fez com que houvesse um incremento nas atividades, como nos mostra o relato a seguir:

*A inauguração, com a presença da Princesa Isabel, então Regente do Império, e o Conde D’Eu, implantou uma nova etapa de realizações, fazendo com que Volta Redonda se transformasse no denominado entreposto comercial de vasta zona geo-econômica. As mercadorias chegavam dos mais diversos pontos e eram enviadas à Corte pelo Rio Paraíba, então navegável até Barra do Piraí, de onde prosseguiam pela Estrada de Ferro. (COSTA, 2004, P.17)*

Junto com a Estação Ferroviária e os correios, ambos em 1871, vieram outras melhorias ao local, como escolas, iluminação pública entre outras, que eram conseguidas junto a pessoas da localidade, que aproveitavam de alguma influência que tinham junto ao poder público para conseguir algumas melhorias para o local.

Era uma região de produção agropecuária e devido ao esgotamento da fertilidade do solo, pelos preços desfavoráveis do café no mercado mundial e pela

crise que o país atravessava, levou a decadência econômica do local, processo analisado por Alberto Lopes:

*Os impactos sobre o Vale do Paraíba são devastadores, contrastando a época anterior de fausto da aristocracia cafeeira com a decadência econômica do período... O preço médio do alqueire de terra no Vale do Paraíba baixou de 700\$000 (setecentos mil réis) em 1900, para 46\$300 (quarenta e seis mil e trezentos réis), em 1920. (LOPES, 1993, p. 50)*

A conjuntura de decadência econômica da região ajudou muito no momento da escolha do local para a instalação da usina, como já foi explicado anteriormente.

O local passava por um momento de profundas transformações, causadas pelo fluxo de pessoas e de investimentos que viriam com a construção do complexo industrial. Assim o pequeno vilarejo, de pouca importância nacional e decadente, com a chegada da usina se transformou em um local que serviria de modelo do ideal desenvolvimentista de Vargas.

Uma consequência marcante dessa transformação e que não constava no plano de Atílio Corrêa Lima para a cidade industrial, foi o crescimento acelerado da cidade ao redor da indústria.

O pequeno povoado, núcleo original do distrito de Santo Antônio de Volta Redonda, se encontrava na margem oposta do Rio Paraíba do Sul à que se encontrava a Usina e a cidade operária que estavam sendo construídas, sendo a ligação entre as duas margens feitas por uma ponte de madeira.

Esse povoado passou a crescer de forma acentuada e como destaca Souza (1992):

*O processo de transbordamento, portanto, começou a ocorrer ainda nos anos 40, como resultante, de um lado, da insuficiência de habitações oferecidas pela CSN aos operários e, de outro, da atração e indução que a usina siderúrgica provocava sobre a atividade econômica. (SOUZA, 1992, p. 37)*

Essas eram as causas identificadas pela autora para esse crescimento desordenado do povoado, sem o planejamento e controle oficial.

A Cidade Velha, que foi como ficou conhecida a parte da cidade que não tinha nenhum planejamento, apresentava graves problemas causados, sobretudo, pelo aumento da população. Nesse local não havia as mínimas instalações de infra-estrutura como água tratada, esgoto canalizado e as ruas eram de terra, ficando intransitáveis quando chovia. Devido ao crescimento acelerado, grandes fazendeiros, interessados em lucrar com suas terras, transformaram-se em especuladores imobiliários. Esses grandes proprietários de terra agiam de maneira indiscriminada, fazendo loteamentos e separando as áreas mais centrais para a especulação, com o fim de lucrar ainda mais com suas propriedades. Aproveitavam-se da falta de um controle e regulamentação do uso do solo por parte do poder público.

Neste contexto a Cidade Nova, planejada e gerida pela CSN, começava à tomar forma, apresentando um modo de vida com padrões elevados, infra-estrutura completa e todo o sustento provido pela Companhia. Ao mesmo tempo na Cidade Velha o caos reinava, tudo faltava naquele local e para agravar ainda mais a situação, os equipamentos construídos pela CSN não podiam ser utilizados por essa população necessitada, pois eram de uso exclusivo das pessoas ligadas à indústria, seus funcionários e familiares.

Com todo controle exercido pela empresa em seu território, como foi demonstrado anteriormente, a Cidade Velha passou a abrigar as pessoas que fugiam da repressão do espaço da empresa, se caracterizando no local onde tudo era permitido, um território sem controle, como é caracterizado por Lopes (1993)

*Os códigos de disciplina reprimiam algazaras, bebidas alcoólicas e outras transgressões. Logo, a cidade velha foi se constituindo no lugar do desvio e do pecado, abrigando a desordem não tolerada no espaço mantido como transparente da cidade oficial. (LOPES, 1993, p.107)*

Também segundo Lopes (1993) não era de se surpreender que o surgimento do movimento sindical organizado, o Sindicato dos Metalúrgicos, assim como suas primeiras manifestações acontecessem na Cidade Velha, portanto longe da autoridade exercida pela CSN.

A instalação da empresa engendra então a distinção entre os lugares. Assim, enquanto a Cidade Nova era o local da organização, do conforto, da lei e do controle, chegando perto do modelo que queria o governo populista, a Cidade Velha era a negação disso tudo, sem nenhuma infra-estrutura, sem o mínimo de conforto. No entanto, apesar do discurso da desordem, podemos destacar a maior autonomia que havia nesse local, apesar de todos os problemas, criou um ambiente favorável para o nascimento dos primeiros movimentos organizados. Estes movimentos, na base de muita luta e negociações, promoveram a transformação daquele espaço em uma cidade de fato, à partir da luta pela emancipação do município.

A questão do crescimento de uma cidade sem infra-estrutura ao redor de uma fábrica e moradias construídas por uma empresa para seus trabalhadores era um fato que aconteceu também na Inglaterra quando o país se industrializou. Essa questão fica clara na obra de Engels:

*Na Inglaterra, há perto de sessenta anos ou mais, tem sido regra a construção de habitações operárias ao lado de toda grande fábrica. Como já assinalamos, muitas destas vilas industriais transformaram-se no centro em cuja volta se aglomerou seguidamente uma cidade industrial com todos os males que implicam. Estas colônias não solucionaram o problema da habitação, pelo contrário, na sua localidade foram elas que os criaram e intensificaram. (ENGELS, 1979, p. 36).*

Essa discussão do movimento emancipatório de Volta Redonda será feita no próximo capítulo desse trabalho.

## **6 - A IMPLANTAÇÃO DO COMPLEXO INDUSTRIAL**

### **6.1 - INÍCIO DAS ATIVIDADES**

Com o fim do processo de construção e o início das atividades industriais da Usina em 1946, uma nova relação se estabelece com a cidade. Assim em 1948 a Usina passava a funcionar com toda sua capacidade. Ela foi inaugurada dois anos antes do previsto, em função do país necessitar de aço para o seu desenvolvimento, uma vez que os países após o pós-guerra demandavam de aço para a reconstrução do continente europeu e a sua oferta era pequena, pois as siderúrgicas européias ou estavam destruídas ou haviam sido transformadas em fábricas de armamentos. Por isso o Brasil tinha que produzir maior quantidade de aço internamente.

A CSN, a partir de 1948 passou a se preocupar cada vez mais com a esfera produtiva propriamente dita. Com isso os investimentos passaram a ser canalizados nos planos de expansão da capacidade produtiva da usina e cada vez menos para a construção de novas moradias, neste mesmo ano uma cerca foi levantada ao redor da usina, separando-a da cidade, simbolizando com isso que a empresa já tinha acabado suas obrigações com a construção da cidade.

O início das atividades da empresa marcou também a crescente diferenciação entre os trabalhadores no interior da empresa. Assim alguns trabalhadores que eram selecionados no processo de construção foram colocados na escola técnica para aprender ofícios específicos como soldadores, eletricitas e outros ofícios que também eram necessários no processo produtivo de uma siderúrgica. Os trabalhadores que aprendiam um ofício especializado eram os que recebiam salários mais altos entre os empregados da empresa.

Destaca-se que para serem professores na escola técnica e ocuparem os cargos de maior escalão na Companhia foram contratados técnicos e engenheiros americanos, além de engenheiros militares brasileiros que haviam recebido treinamento nos Estados Unidos.

De acordo com Morel (2001), a entrega dos cargos mais elevados na empresa a estrangeiros não era bem vista pelos empregados brasileiros, que muitas vezes acusavam os americanos de aproveitadores e de não estarem preparados para ocupar os seus cargos, assim como incapacitados de ensinar-lhes o ofício industrial.

Cabe ressaltar que:

*A fase de construção da Usina Presidente Vargas e de montagem dos equipamentos funcionou como etapa de seleção e treinamento de mão-de-obra: ali a empresa observava e selecionava os que mereciam permanecer em seus quadros, sendo aproveitados para a fase de operação. (Morel, 2001, p. 58)*

No processo de construção, a empresa chegou a empregar 13064 pessoas em 1944. Com o seu término, em 1948, esse número começou a cair, chegando a 8914 trabalhadores. Essa diminuição no número de empregados refletiu no processo de ocupação desordenada do solo na chamada “Cidade Velha”, pois com a demissão dos trabalhadores, muitos já não tinham como voltar para sua terra de origem e com isso acabaram por ocupar áreas afastadas da Usina, construindo habitações de baixa qualidade. Com isso o problema do desemprego, gerado pelas demissões após a entrada em funcionamento da Usina, a chegada à cada dia de mais pessoas ao local procurando uma ocupação e a oferta insuficiente de moradias pela Companhia agravou ainda mais o problema habitacional em Volta Redonda.

## 6.2 - O AGRAVAMENTO DO PROBLEMA HABITACIONAL

As moradias oferecidas pela CSN eram tidas como um sonho pelos trabalhadores, em função de todo o conforto que ofereciam, da completa infraestrutura e do oferecimento de serviços, como atendimento médico-hospitalar, escolas, dentre outros. Por assim oferecerem situação completamente diferente da encontrada na parte não planejada, os trabalhadores sempre almejavam conseguir uma habitação construída pela Companhia. Mas conseguir essa moradia não era

fácil, pois desde a construção do complexo a CSN não conseguia abrigar todos os seus funcionários, como mostra o quadro a seguir.

Tabela 2: População de Volta Redonda e empregados atendidos pelas habitações da empresa

Ano	População	Nº de empregados	Nº de habitações	% de atendidos
1941	2782	762	-	-
1942	-	6164	-	-
1943	-	10879	462	4,2
1944	-	13064	462	3,5
1945	-	10921	1202	11,0
1946	-	11719	1510	13,0
1947	-	8177	2661	32,5
1948	-	8916	3003	34,0
1949	-	9420	3003	31,8
1950	35965	9092	3003	33,0
1951	39350	8870	3116	35,0
1952	43050	10088	3304	33,0
1953	-	10931	3652	33,4
1954	-	11184	3657	32,7
1955	56380	11089	3956	34,8
1956	-	10911	3944	36,0
1957	-	10714	4029	37,6
1958	-	10635	4157	39,0
1959	-	10026	4184	38,0
1960	88740	11619	4698	40,4
1961	-	12862	4797	37,3
1962	-	13812	4898	35,5
1963	-	13419	5163	38,5
1964	-	14282	5696	39,7
1965	105420	14375	5866	40,8

*Fonte: Piquet, Roselia. Moradia Operária em Volta Redonda: de Símbolo do Populismo à lógica capitalista. Espaço & Debates, São Paulo. Ano V n° 16, 1985.*



De 1943 a 1948, a construção de moradias foi bastante intensa, mantendo-se o número de moradias pelos anos de 1948, 1949 e 1950, fase em que o número de trabalhadores estava se estabilizando, pois terminara a construção da Usina e começava o seu funcionamento. Com a nova lógica imposta, que consistia em investir na produção, a partir de 1951, a construção de moradias foi retomada, mas em ritmo muito lento, com poucas unidades por ano, apenas para não aumentar ainda mais o déficit habitacional.

Vale ressaltar que, no discurso da Usina, seriam oferecidas habitações para todos os seus funcionários, mas na prática isso não aconteceu, pois desde o início houve o déficit habitacional. Nem o plano urbanístico inicial foi concluído. Esse plano previa a construção de 3700 casas até o ano de 1948, mas foram construídas aproximadamente 3000 habitações.

A Companhia oferecia habitações para cerca de 35% dos seus trabalhadores, taxa que variou muito pouco durante os anos de acordo com o quadro acima.

Esse déficit habitacional entre os operários industriais era de certa forma mantido intencionalmente pela empresa. Assim a Companhia tirava proveito da situação e condicionava a entrega da moradia a critérios de produtividade, ao comportamento do operário no trabalho, assim como na necessidade do trabalhador.

Como a empresa não conseguia suprir as necessidades de moradia nem de seus operários, as pessoas que não conseguiam habitação aumentavam ainda mais o problema habitacional da parte não planejada da cidade, juntando-se aos demitidos pela empresa após a construção e ao contingente de pessoas que chegavam a cidade à procura de emprego.

A parte não planejada da cidade que era totalmente carente de infraestrutura passava então a receber a cada dia mais pessoas que se estabeleciam na cidade sem as mínimas condições habitacionais. Nesse quadro, vários loteamentos começaram a surgir em Volta Redonda. Os antigos proprietários de terra, que com a valorização da terra impulsionada pela chegada da usina se converteram em agentes imobiliários, passaram a dividir suas propriedades em lotes menores com o intuito de vender. Sem nenhuma preocupação com a infra-estrutura desses lotes,

os mesmo eram vendidos aos empregados da usina que não tinham acesso à moradia oferecida pela empresa, às pessoas que conseguiam arrumar alguma ocupação na cidade ou as que conseguiam estabelecer algum tipo de negócio.

Para as outras pessoas que precisavam de uma moradia, como os desempregados da construção da usina, os errantes que chegavam à procura de trabalho e as pessoas que tinham renda baixa e sem condições de adquirir lotes, restava apenas utilizar o artifício da ocupação de terras, localizadas nas áreas mais afastado do centro. Essas terras ou eram do poder público municipal ou de particulares que ainda não tinham loteado suas terras. Tal processo demonstrava a desorganização e falta de interesse do poder público municipal em suprir as necessidades da crescente população e também a falta de capacidade de regular o uso do solo.

Sinalizando esta problemática, no final dos anos 40, surgiu a primeira favela do local, o Morro dos Atrevidos, que se instalou em uma área de propriedade particular. Essa primeira favela teve algumas particularidades. Por ter se instalado logo ao final dos anos 40, com a entrada em funcionamento da usina, foi estabelecida bem próxima dos limites da “Cidade Nova”. Tal fato incomodava o poder ali estabelecido, que com frequência utilizava a força para tentar desocupar o local. Reagindo a essa força repressiva e para pleitear melhorias, começavam à surgir organizações de moradores.

Com o crescente aparecimento dos bairros populares, e outras favelas e a situação de abandono pelo poder público municipal, organizações de moradores passaram à se proliferar e ganhar cada vez mais força e importância. Essas organizações de bairro eram chamadas de Sociedades Pró Melhoramentos.

Neste aspecto, a instalação da Usina promoveu o surgimento de movimentos organizados, que cada vez mais se fortaleciam e assumiam cunho político. O fortalecimento e as crescentes reivindicações, que não eram atendidas pela Prefeitura de Barra Mansa, culminaram na luta pela emancipação do município, que foi iniciada já em 1948.

Vale destacar também que em contraste com o fervilhar de lutas populares e políticas na “Cidade Velha”, na parte planejada reinava a tranquilidade, graças ao aparelho repressivo montado pela empresa, que era composto desde a

propaganda da vida tranqüila no local empreendida pela CSN, passando pelo impedimento aos trabalhadores de reivindicar alguma coisa e correndo o risco de perder sua valiosa moradia, e chegando até à própria repressão pela força, feita através da polícia da empresa e pelo exército.

### 6.3 - A EMANCIPAÇÃO DE VOLTA REDONDA

Com o fim do governo ditatorial de Vargas e a promulgação da Constituição de 1946, que dava maiores poderes decisórios aos municípios, reforçou-se a idéia de um movimento emancipatório em Volta Redonda. Com essas mudanças e uma maior liberdade política dada aos agentes locais, esses passaram a se organizar e reivindicar a emancipação do município de maneira cada vez mais incisiva.

Como já foi dito anteriormente, por causa das carências do povo local, surgiram as Sociedades Pró-Melhoramentos em cada bairro. Esta era composta pelas camadas mais pobres da população, os setores médios, formados por comerciantes locais e de profissionais liberais e donos de terra que também passaram a se reunir para se organizarem em busca de soluções para o lugar.

Como destaca Souza (1992), estes agentes ao reivindicarem melhorias para a cidade somavam os seus conhecimentos específicos na hora de reivindicar melhoras, Assim:

*Os farmacêuticos eram os homens da ciência, que, com suas noções de saúde, higiene e saneamento faziam crescer a indignação contra a ausência de infra-estrutura básica; os funcionários da Coletoria eram os conhecedores da economia local, os que viam a entrada de recursos e a ausência de benefícios; e os advogados eram os homens da lei, os que poderiam dar forma e encaminhamento legal aos desejos e reivindicações da população. ( Souza, 1992, p. 40)*

Para o autor a maior preocupação dessas camadas médias da população em melhorar a qualidade de vida de Volta Redonda era com seus negócios que não prosperavam mais pela falta de investimentos do poder público. Os donos de terra, que haviam se transformado em agentes imobiliários, desejavam a melhoria na infra-estrutura para que seus loteamentos fossem mais valorizados.

Mesmo com os debates e a mobilização de alguns representantes da população para reivindicar junto à Prefeitura de Barra Mansa as melhorias desejadas pela população, isso pouco efeito surtiu sobre a vida das pessoas, já que o poder público municipal pouco fez pelo distrito de Volta Redonda.

Com o tempo essas organizações foram se fortalecendo cada vez mais e em 1950 foi inaugurada a Sociedade dos Amigos de Volta Redonda, que passou a reivindicar melhorias em nome da população local, ainda assim os investimentos não aconteceram. As organizações que inicialmente reivindicavam melhorias no local, vendo que esses pedidos não eram atendidos, passaram a aspirar a idéia de emancipação, mas essa aspiração não seria nada fácil.

Com isso a primeira tentativa de emancipação aconteceu em 1951 quando Lucas Evangelista, líder emancipacionista, aproveitando-se da visita do deputado Moacir de Paula Lobo à Volta Redonda, pediu-lhe apoio à causa emancipacionista. Esse apoio veio na forma de um projeto apresentado pelo mesmo deputado à Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, pedindo a emancipação do local. Esse projeto foi arquivado no mesmo ano de sua apresentação, com a justificativa de que a Constituição só permitia revisão territorial nos anos com fim 3 e 8, sendo assim ficaria impossível por lei a criação do município naquele ano. Ainda em 1951, o deputado Pedro Gomes da Silva apresentou um projeto que anulou o referido dispositivo constitucional.

Fica claro nesse momento que a questão emancipacionista ganha força e a partir de então o número de interessados em leva-la adiante aumenta cada vez mais. No entanto como argumenta Costa (2004), o interesse não era o bem estar da população, mas o interesse político...

*Começaram a surgir “interessados” na apresentação do projeto de emancipação de Volta Redonda, porém, atendendo unicamente aos interesses eleitorais, já que 10.000 habitantes torciam pelo desligamento de Barra Mansa. (Costa, 2004, p. 161)*

A luta política na esfera nacional entre os dois principais partidos da época, UDN (União Democrática Nacional) e PSD (Partido Social Democrata), começava a aparecer também na esfera local. Miguel Rego, líder

emancipacionista ligado ao PSD, sabendo que um deputado da UDN estava elaborando um projeto de emancipação, tratou de entrar em contato com o deputado Vasconcelos Torres do PSD, para que o partido tentasse chegar na frente. Este, no dia seguinte ao contato feito com Miguel Rego, enviou um projeto de emancipação em 1951, que foi arquivado pela assembléia. Mas outro projeto foi enviado pelo mesmo deputado com apoio de vários líderes emancipacionistas ligados ao PSD

*Em outubro de 1951, o Partido Social Democrático enviou documento à Assembléia Legislativa Fluminense, solicitando aprovação do Projeto do Deputado Vasconcellos Torres. Assinavam o documento os integrantes do Diretório: Sávio Cotta de Almeida Gama; Dr. João Paulo Pio de Abreu; José Haugen; Dr. Jamil Wadih Rizkalla; Genolfo Vieira Affonso; Norival de Freitas; Lucas Evangelista de Oliveira Franco; Ubaldo de Oliveira Fonseca; Heitor Leite Franco; Dr. Mário Ferreira Netto; Wilson Cópico; Luiz Cotrim Moreira e Olívio Schocair. (Costa, 2004, p. 161)*

Por força de manobras políticas, inúmeras mudanças na Constituição do estado foram empreendidas para que a emancipação de Volta Redonda não acontecesse. Assim no ano de 1952, mudanças como a condição de que o distrito para se transformar em município deveria ter população de 30 mil habitantes e a retirada do parágrafo que garantia a Volta Redonda emancipação automática, passando a ser exigido uma consulta popular na forma de plebiscito para saber a vontade da população do local. Tais manobras, fizeram com que o movimento de emancipação voltasse a estaca zero.

Entretanto em 1952 nasce o Centro Cívico Pró-Emancipação, primeira organização que se ocupava exclusivamente da luta pela emancipação do município. Liderado por Jammil Riskalla e Lucas Evangelista, o Centro passou a requerer um plebiscito. Para isso recolheram assinaturas em Volta Redonda. Já no final de 1952 um memorial foi encaminhado à Assembléia Legislativa do estado, contendo as assinaturas recolhidas, fazendo o requerimento da emancipação. Também tal pedido foi arquivado.

Em 1953, o distrito recebe a visita do Departamento de Municipalidades, órgão que era responsável pela análise das condições do local. Este deu parecer

favorável à emancipação de Volta Redonda. Em março de 1954 o pedido de realização de um plebiscito, elaborado pelo Centro Cívico Pró-Emancipação foi acatado, mesmo com todas as manobras por parte da Prefeitura de Barra Mansa para que o plebiscito não fosse aceito. Dessa forma o plebiscito que decidiu sobre a emancipação de Volta Redonda aconteceu em 20 de junho de 1954, sendo o seu resultado o seguinte: 2809 votos favoráveis à emancipação e apenas 24 contra, de acordo com Costa (2004).

Finalmente, data de 17 de julho de 1954 a promulgação da Lei nº 2185 que criou o município de Volta Redonda, sendo que em 3 de outubro de 1954 aconteceram as primeiras eleições municipais do novo município contando com 11516 eleitores, sendo eleitos Sávio Gama como prefeito e Wilson de Paiva como vice-prefeito.

Portanto, após muita mobilização e luta, foi criado o município de Volta Redonda, o que não impediu que as dificuldades continuassem.

#### 6.4 - RELAÇÃO ENTRE CSN E O NOVO MUNICÍPIO

A CSN que procurava não interferir diretamente nas questões políticas locais, sentiu que com a criação do novo município poderia passar a responsabilidade de suprir as necessidades básicas, como saúde, habitação e transporte da população ao poder local.

Ao mesmo tempo em que a empresa empreendia a construção de novas moradias para seus empregados, tentava passar para as autoridades do município os serviços básicos por ela oferecidos, como transporte público, energia e água.

Mesmo com a criação do município, o espaço urbano local ainda não tinha adquirido unidade, existindo ainda a separação entre a cidade operária planejada e a cidade livre, sendo inclusive a cidade operária gerida pela empresa siderúrgica. Segundo Souza (1992):

*Ao invés de eliminar, a instalação do município evidenciou a dualidade. Eram dois mundos numa mesma cidade: dois espaços geográficos bem delimitados, submetidos a “governos” diferentes, nos quais a situação físico-urbanística e as*

*condições de vida, por extensão, eram flagrantemente contrastantes. (Souza, 1992, p. 42)*

Ainda de acordo com Souza (1992), mesmo com essa diferenciação e relativa separação entre os espaços, havia uma interdependência entre eles muito forte, já que a empresa não conseguia suprir as necessidades de moradia de todos seus empregados, precisando do espaço urbano da cidade livre para sua habitação. Ao mesmo tempo as autoridades locais tinham consciência de que a criação e o progresso do município de Volta Redonda aconteceu graças a implantação do complexo industrial

A Companhia via na criação da cidade e no seu desenvolvimento a chance de se desfazer dos encargos gerados pela obrigação de suprir os serviços necessários à população, podendo assim investir cada vez mais em seus planos de expansão da produção. Essa transferência se deu maneira lenta e gradual, enquanto que a interferência da empresa no município continuava a acontecer, visto que o município dependia das receitas advindas da empresa, sejam essas receitas os impostos ou mesmo dos salários que os seus empregados recebiam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção e a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional no distrito de Santo Antônio de Volta Redonda, que mais tarde se tornou o município de Volta Redonda, causou profundas transformações naquele espaço.

Em um local que era caracterizado por uma vida pacata, de tempos lentos e economicamente decadente, surgiu uma grande indústria que impulsionou o desenvolvimento local e nacional causando inúmeros impactos no lugar.

Assim, com a instalação da CSN, Volta Redonda passou à ser o centro das atenções da nação, o símbolo de um governo que prometia transformar o país, tirando-o da situação de simples país agrário-exportador e introduzindo-o no grupo de países industrializados. Neste aspecto, Volta Redonda representou o modelo de uma nova sociedade, onde tudo que representava o passado deveria ser deixado para trás, o que dava suporte ao novo e moderno modelo de sociedade industrial ideologizado pelas novas elites. Essa questão de deixar o passado para trás foi bem demonstrada na escolha do local para a construção da empresa, ou seja, na escolha de um espaço considerado atrasado e agrário para se transformar em um moderno espaço urbano-industrial. Também tal questão fica nítida na escolha da mão-de-obra, na qual foi priorizado o camponês analfabeto, que se transformaria a partir de um conjunto de novos aprendizados no operário industrial urbano.

Os conceitos de zonas de densidade e rarefação discutido por Santos (2005), eram caracterizados pela densidade de elementos, sejam eles naturais ou artificiais, através dos processos impostos ao espaço. Dessa forma, podemos dizer que Volta Redonda era um espaço de rarefação, visto do ponto de vista demográfico e das próteses acrescentadas ao espaço e passou à ser um espaço denso, devido à atração populacional exercida pela empresa e pelas próteses impostas à natureza, nisso se inclui a própria planta industrial instalada, assim como os novos equipamentos urbanos construídos.

Impactos positivos existiram, como o desenvolvimento do local, que é inegável, pois a partir da instalação da empresa, a economia local teve grande impulso, assim como com a construção da Cidade Operária. Nesse processo,



Volta Redonda passou a atrair não só as pessoas que procuravam trabalho, mas também outras indústrias e investimentos, alavancando assim o desenvolvimento regional. Como em todo empreendimento instalado, impactos negativos também foram percebidos. Assim a atração exercida pela empresa causou problemas, como a dualidade urbana, caracterizada pelo aparecimento da “Cidade Velha” ao redor da Usina. ao local.

No momento em que foi decidida a instalação da empresa, foi elaborado um plano que previa não só a construção da usina, mas também de uma cidade completa para seus trabalhadores, incluindo todos os serviços necessários, como água tratada, esgoto, energia e saúde. Essa nova cidade, que apresentava grandes vantagens não existentes na maioria das cidades brasileiras, atraiu um contingente expressivo de pessoas. Essa grande atração não estava prevista pelas autoridades, que apenas planejaram a cidade para os funcionários da empresa.

A falha no planejamento não aconteceu apenas na falta de previsão por parte das autoridades do número de que se dirigiam para a localidade. Houve também a falha na execução do projeto, de forma que nem mesmo o total dos empregados contratados pela empresa conseguiram alojamento de forma digna.

Essas e outras falhas foram responsáveis pelo surgimento de um agrupamento urbano totalmente carente de infra-estrutura, localizado numa área que passou a ser conhecida como “Cidade Velha”. Assim a parte não planejada abrigou os “rejeitados” da Cidade Operária planejada, assim como aqueles cujos comportamentos não eram tolerados na Cidade Operária.

Desta forma, a parte não planejada se destacou como o espaço da negação, da liberdade, sendo então na Cidade Velha que a vida urbana acontecia em sua face mais completa. Com isto, todos os movimentos políticos e sociais surgiram nessa parte da cidade, inclusive o movimento sindical. Era na Cidade Livre, onde a CSN não exercia o controle disciplinar, que os funcionários da empresa encontraram a liberdade que lhes era negada na Cidade Operária, já que na Cidade Operária eram reprimidos pela força policial existente.

Como berço dos movimentos políticos, cabe destacar o movimento emancipatório que surgiu na “Cidade Velha” e tinha como pauta política a busca

pela melhoria da qualidade de vida da população, questão essa que foi abraçada pela classe política e média que surgia nesta localidade.

Dessa forma, o objetivo de criar uma cidade modelo para os resto do país se mostrou incompleto, pois o progresso e a melhoria na qualidade de vida não alcançou todos os cidadãos que chegavam ao local, o que fez reproduzir todos os problemas que as cidades brasileiras enfrentavam e estavam sendo enfrentados em Volta Redonda.

No entanto cabe ressaltar que mesmo apresentando todos esses problemas, a criação da Cidade Operária de Volta Redonda cumpriu alguns objetivos, já que se instalou na localidade uma nova sociedade industrial. Assim, todos os esforços em transformar as pessoas que chegavam em operários industriais e de forjar uma nova classe trabalhadora, surtiram o efeito desejado, sendo criada a classe operária industrial de Volta Redonda, que fez florescer a cidade e a usina.

Neste trabalho conseguimos mostrar que a instalação do Complexo Industrial, alavancou o desenvolvimento regional e nacional e ajudou a transformar a sociedade brasileira. Em contrapartida gerou um processo de desigualdade muito agudo no local. Mostrou uma das verdadeiras faces da sociedade capitalista, demonstrando que o progresso não é acessível à todos e que depende dos excluídos e da exploração para se reproduzir. Isso ficou bem representado na interdependência que existia entre a empresa e a “Cidade Velha”.

A empresa dependia da “Cidade Velha” para alojar, mesmo que de forma precária, seus funcionários, ter um exército de reserva sempre a disposição para seus planos de expansão, além de se interessar em repassar a obrigação no oferecimento dos serviços à população para o município criado. Por outro lado, a cidade tinha consciência que devia seu surgimento a implantação do complexo industrial assim como sua sobrevivência também, já que dependia dos impostos arrecadados pela empresa e do dinheiro que era gasto pelos funcionários na cidade.

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: Vilas Operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985. 332 p.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: Utopias e Realidades, uma Ontologia**. 5.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. 352p.

CORREIA, Telma de Barros. De Vila Operária a Cidade-Companhia: As Aglomerações criadas por empresas no Vocabulário Especializado Vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** nº 4 maio de 2001 p. 83-98, 2001.

COSTA, Alkindar. **Volta Redonda: Ontem e hoje**. Edição Comemorativa dos 50 anos de Volta Redonda. 2004.

DINIZ, Eli. **Empresário, Estado e Capitalismo no Brasil: 1930-1945**. 12.ed. Paz e Terra S/A, 1978. 309 p.

DRAIBE, Sônia. **Rumos e Metamorfoses: Estado e industrialização no Brasil 1930 – 1960**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 370p.

ENGELS, Friedrich. **A Questão da Habitação**. Belo Horizonte: Aldeia Global Livraria e Editora LTDA. 1979. 76p.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 20.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. 288 p.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 316 p.

LOPES, Alberto Costa. **A aventura da cidade industrial de Tony Garnier em Volta Redonda**. 1993. 235 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

MAPA DA REGIÃO SUL FLUMINENSE. Disponível em: <<http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=7218&lg=pt>> Acesso em: 04 dez. 2007

MAPA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <[http://www.portalbrasil.net/estados\\_rj.htm](http://www.portalbrasil.net/estados_rj.htm)> Acesso em: 04 dez. 2007

MOREIRA, Ruy. Ascensão e Crise de um paradigma disciplinar. In: MOREIRA, Ruy. **A Reestruturação Industrial e Espacial do Estado do Rio de Janeiro**. Niterói, GERET/NEGT/GECCEL, 2003, p. 139-169.

MOREL, Regina Lúcia Moraes. **A Ferro e Fogo: Construção e Crise da Família Siderúrgica: o caso de Volta Redonda.** 1989. 506 p. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

MOREL, Regina Lúcia Moraes. A Construção da “família siderúrgica”: Gestão Paternalista e empresa estatal. José Ricardo Ramalho, Marco Aurélio Santana (orgs) In: **Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos metalúrgicos.** Rio de Janeiro DP& A, 2001. p. 45-78.

MUSEU VIRTUAL DE VOLTA REDONDA. Disponível em: <<http://www.portalvr.com/cultural/museu/index.php>> Acesso em: 21 nov. 2007.

OLIVEIRA, Francisco de. **A economia da dependência imperfeita.** 4.ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 1984 159 p.

PATARRA, Neide Lopes. **Movimentos Migratórios no Brasil: Tempos e Espaços.** Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003. 50 p.

PIQUET, R. P. S. . Moradia operária em Volta Redonda: de símbolo do populismo à lógica capitalista. **Revista Espaço Debates**, São Paulo, v. 16, p. 83-106, 1985.

PIQUET, Rosélia. O papel da cidade-empresa na formação urbana brasileira. **Anais do 7º Encontro Nacional da ANPUR**, Recife, PE, v. 1, p. 655-666, 1997.

REIS FILHO, Nestor Goulart, **Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/1720).** São Paulo: EDUSP, 1968. 80 p.

SANTOS, Milton., Silveira, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. 474 p.

Souza, Cláudia Viginia Cabarl de. **Pelo espaço da cidade: aspectos da vida e do conflito urbano em Volta Redonda.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. 207 p.

### Bibliografia Recomendada

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** Petrópolis: Vozes, 2000. 192p.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História.** Petrópolis: Vozes, 2007. 124p.  
Cadernos do PPG-AU/FAUFBA/ Universidade da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ano 3, edição especial, 2005. 122p.

IANNI, Octávio. **A idéia de Brasil Moderno.** 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 182 p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 124 p.

SINGER, Paul. Evolução da Economia e Vinculação Internacional. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio. (orgs.) **Brasil: um século de transformações.** São Paulo: Cia. das Letras, 2001 p. 80 – 131.

SOARES, Walmer Jacintho. **Os interesses Industriais na Consolidação do Nacional-Desenvolvimentismo.** Rio de Janeiro: IUPERJ 31 p.